

# ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 28 • 2021



CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS  
2021

**Estudos Arqueológicos de Oeiras** é uma revista de periodicidade anual, publicada em continuidade desde 1991, que privilegia, exceptuando números temáticos de abrangência nacional e internacional, a publicação de estudos de arqueologia da Estremadura e da AML em geral e do concelho de Oeiras em particular sem prejuízo daqueles que possam valorizar o conhecimento das antiguidades oeirenses, para além de contributos sobre a História da Arqueologia e de comunicações apresentadas a reuniões científicas organizadas pelo Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras/Câmara Municipal de Oeiras.

Possui um Conselho Assessor do Editor Científico, assim constituído:

- Dr. Luís Raposo (Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa)
- Professor Doutor Nuno Bicho (Universidade do Algarve)
- Professor Doutor Alfredo Mederos Martín (Universidade Autónoma de Madrid)
- Professor Doutor Martín Almagro Gorbea (Universidade Complutense de Madrid)
- Professora Doutora Raquel Vilaça (Universidade de Coimbra)
- Professor Doutor Jorge de Oliveira (Universidade de Évora)

## ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 28 • 2021      ISSN: 0872-6086

EDITOR CIENTÍFICO – João Luís Cardoso  
DESENHO E FOTOGRAFIA – Autores ou fontes assinaladas  
PRODUÇÃO – Gabinete de Comunicação / CMO  
CORRESPONDÊNCIA – Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras  
Fábrica da Pólvora de Barcarena  
Estrada das Fontainhas  
2745-615 BARCARENA

Os artigos publicados são da exclusiva responsabilidade dos Autores.  
É expressamente proibida a reprodução de quaisquer imagens sobre as quais existam direitos de autor sem o prévio consentimento dos signatários dos artigos respectivos.

Aceita-se permuta  
*On prie l'échange*  
*Exchange wanted*  
*Tauschverkehr erwünscht*

ORIENTAÇÃO GRÁFICA E

REVISÃO DE PROVAS – João Luís Cardoso e Autores

PAGINAÇÃO – César Antunes

IMPRESSÃO E ACABAMENTO – Grificamares, Lda. - Amares - Tel. 253 992 735

DEPÓSITO LEGAL: 97312/96

**A PRESENÇA ROMANA, VISIGÓTICA, ISLÂMICA E PORTUGUESA  
NO CENTRO HISTÓRICO DE OEIRAS: RESULTADOS DA INTERVENÇÃO  
ARQUEOLÓGICA REALIZADA EM 2017 E EM 2018**

***THE ROMAN, VISIGOTHIC, ISLAMIC AND PORTUGUESE PRESENCE  
IN THE HISTORIC CENTER OF OEIRAS: RESULTS OF THE ARCHAEOLOGICAL  
INTERVENTION CARRIED OUT IN 2017 AND 2018***

João Luís Cardoso<sup>1</sup>, Guilherme Cardoso<sup>2</sup>, Luísa Batalha<sup>3</sup> & Filipe Martins<sup>4</sup>

**Abstract**

The results obtained from the archaeological excavation carried out in 2017 and 2018 at Rua Marquês de Pombal, no. 3 to 7, in the Historic Center of Oeiras are presented. The results obtained show the richness and diversity of the occupations verified there, as well as the long diachrony of them, confirmed by the recovered archaeological remains. The oldest occupation, confirmed by structures with a straight plan and several estates, dates back to the end of the Republican Period, assuming continuity with the Early Imperial times. From this time onwards, it is a rare ivory-turned umbrella cable, unique in the Iberian Peninsula, which has been already published. At the end of this first phase of occupation, the roof of the building constructed there fell, which sealed the underlying deposits and constitutes an important chrono-stratigraphic element of reference. Over this layer of reference a lot of materials were recollected whose chronology extends to Late Antiquity, evidenced by Mediterranean imports, being represented by fine productions. Visigothic ceramic and metallic materials belong to the immediately following period, with emphasis on ceramic productions and a buckle, as well as scarce Islamic productions, of which, due to their rarity, a bone spinning tower must be mentioned.

In more modern times, from the Late Middle Ages to the Modern Times, several housing structures and characteristic estates belong, proving the continuous occupation of the same place until today, as it is usual in urban centers of early formation, like the case of Oeiras. However, until recently, little was known about the human presence in the urban area of Oeiras between the Roman and the Pombaline period (second half of the XVIII century): that's why this intervention, originated by the urban requalification of the Historic Center of Oeiras, constitutes an excellent opportunity to fill information gaps, in the sense of recovering the history of the site, and contributing to their present identity.

*Keywords:* Urban Archaeology; Oeiras; Roman Republican; Roman Empire; Late Antiquity; Visigothic; Muslim; Portuguese period.

---

<sup>1</sup> Universidade Aberta (Lisboa). Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras).  
cardoso18@netvisao.pt

<sup>2</sup> Centro de Arqueologia de Lisboa (Câmara Municipal de Lisboa).

<sup>3</sup> Arqueóloga independente.

<sup>4</sup> Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras).

## 1 - INTRODUÇÃO

No âmbito da requalificação do edifício urbano destinado ao programa “Habitação Jovem” pela Câmara Municipal de Oeiras, situado na Rua Marquês de Pombal, n.ºs 3, 5 e 7, no Centro Histórico de Oeiras, foi solicitado ao CEACO, a 26 de Maio de 2017, pelo Gabinete Técnico Local de Oeiras/Câmara Municipal de Oeiras, a realização de escavações arqueológicas antecedendo as respectivas obras de construção e reabilitação do edifício ali existente (Fig. 1).

As intervenções arqueológicas realizadas em 2017 e 2018, sob direcção do primeiro signatário puseram a descoberto um conjunto de estruturas de várias épocas, e proporcionaram a recolha de um conjunto de materiais arqueológicos variados, tanto em termos tipológicos como de funcionalidades, distribuídos por várias cronologias.



Latitude 38°41'33.19"N  
Longitude 9°18'46.60"W

0 120 m

Fig. 1 – Ortofotomapa do Centro Histórico de Oeiras, com a delimitação da área intervencionada. Base Google Earth.

## 2 - DESCRIÇÃO GERAL DOS TRABALHOS REALIZADOS

O Plano de Prevenção de Riscos de Gestão do CEACO prevê o acompanhamento de obras no subsolo dos Centros Históricos das povoações do concelho de Oeiras visando a salvaguarda do património arqueológico oeirense. No caso presente, tal determinação encontrava-se reforçada devido à existência nas proximidades de estações arqueológicas de diversas épocas, desde o Calcolítico Pleno/Final até à Época Contemporânea, pelo que se justificava a necessidade de averiguar a presença de pré-existências anteriores ao edifício a recuperar, comprovadas em outros locais do Centro Histórico de Oeiras, designadamente na Rua das Alcássimas, onde se implantava a *pars urbana* da *villa* romana identificada nos inícios do século XX e onde diversas ocupações arqueológicas, desde o Bronze Final às Épocas Moderna e Contemporânea foram registadas, passando pela presença islâmica, tendo algumas sido já objecto de publicação (CARDOSO, 2011; CARDOSO, 2016/2017; GOMES, CARDOSO & ANDRÉ, 1996; FERNANDES, CARDOSO & ANDRÉ, 2009).

Os trabalhos arqueológicos, dirigidos pelo primeiro signatário, desenvolveram-se em duas etapas distintas, em consequência da estratégia de trabalho adoptada na área expectante adjacente ao edifício existente, a qual se previa vir a ser ocupada por um piso escavado no terreno destinado a garagens (Fig. 2).



Numa primeira fase, entre 10 de Julho a 9 de Agosto de 2017, totalizando 18 dias úteis de trabalhos de campo, participaram diariamente um dos autores (F.M.) e dois trabalhadores permanentes cuja colaboração foi assegurada através da Firma Soares & Gomes, Lda., os senhores Urbano Domingos (na totalidade dos trabalhos), Ruben Cruz (nas primeiras duas semanas) e Sílvio José (nas últimas duas semanas).

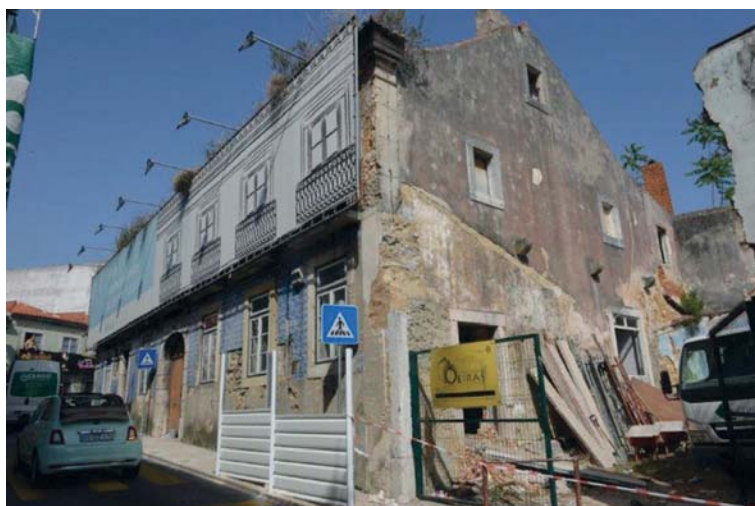
A metodologia que se adoptou na escavação correspondeu à abertura de sucessivas sondagens de 2 x 2 metros, segundo uma quadrícula ortogonal previamente implantada na área a intervir.

Inicialmente o plano de trabalhos previa apenas a abertura de quatro sondagens; no entanto, dada a ocorrência de estruturas que não seria possível caracterizar convenientemente caso se mantivesse aquela solução, decidiu-se alargar a escavação à quase totalidade do espaço disponível, conservando apenas corredores perimetrais para possibilitar a circulação de pessoas. Deste modo, os trabalhos arqueológicos realizados consistiram na abertura, por meios manuais, de 21 quadrados com 2 m de lado. A cada um foi atribuída uma letra, por ordem alfabética, consoante a sequência da abertura do mesmo (Fig. 3).

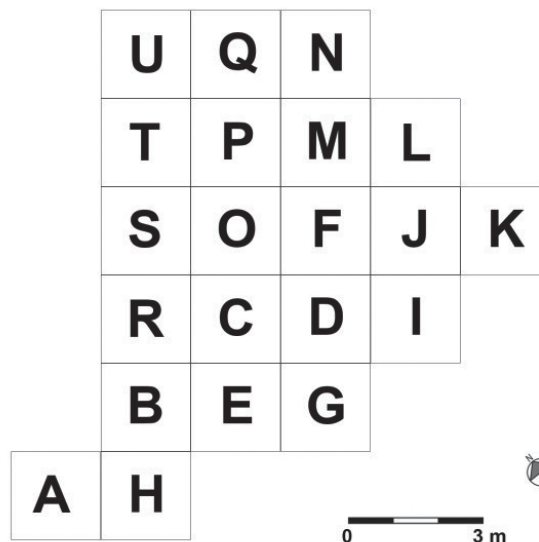
Todas as sondagens foram aprofundadas segundo níveis artificiais de 0,20 m de potência. A recolha exaustiva de espólios bem como o respectivo registo arqueológico diário foi assegurado, incluindo o das estruturas que se iam pondo a descoberto (Fig. 4 a Fig. 9).

Numa segunda fase dos trabalhos realizada entre 2 e 20 de Abril de 2018, efectuou-se o acompanhamento do desmonte das estruturas arqueológicas e a execução do desenho final das mesmas. Os trabalhos contaram novamente com a colaboração diária de um dos signatários (F.M.) e de trabalhadores da empresa Constarte, Construções, S.A., os senhores Eduardo Ferreira, Carlos Zagalo e Acílio Almeida.

A intervenção arqueológica final concentrou-se na plena identificação das estruturas arqueológicas mais antigas, por forma a completar a respectiva planta (Fig. 18), tendo o desmonte das estruturas mais modernas que cobriam aquelas sido efectuado manualmente, de modo a recolher a totalidade dos materiais arqueológicos existentes, tendo pontualmente sido usados meios mecânicos, através do auxílio de uma Bobcat JCB 48Z-1.



**Fig. 2** – Vista do prédio urbano sito na Rua Marquês de Pombal, n.ºs 3-7 (Centro Histórico de Oeiras) e do espaço expectante, do lado direito da foto, onde se realizou a intervenção arqueológica. Foto de J. L. Cardoso.



**Fig. 3** – Esquema da distribuição das quadrículas, por ordem alfabética, consoante a abertura das mesmas, no decurso da primeira fase dos trabalhos arqueológicos.



**Fig. 4** – Abertura dos primeiros quadrados observando-se parcialmente algumas estruturas arqueológicas da Fase 3 (Época Moderna) e da Fase 4 (Época Contemporânea). Foto de F. Martins.



**Fig. 5** – Aspecto da realização da primeira fase dos trabalhos arqueológicos, em 2017. Foto de F. Martins.





**Fig. 6** – Vista parcial da primeira fase dos trabalhos arqueológicos, em 2017, observando-se, em primeiro plano, um nível de *imbrices* na área correspondente ao QI, resultante do abatimento de um telhado de época alto-imperial (séculos I/II d.C.). Foto de J. L. Cardoso.



**Fig. 7** – Vista parcial da primeira fase dos trabalho arqueológicos, em 2017, observando-se um nível de *imbrices* com desenvolvimento horizontal, formado pelo abatimento de um telhado de época alto-imperial (séculos I/II d.C.) na área correspondente ao QP. O corte realizado permite verificar que este nível assentou directamente no substrato geológico constituído por calcários duros recifais do Cenomaniano superior ou por depósitos *terra rossa*, ou ainda em camada arqueológica coeva da utilização da estrutura antes do seu colapso. Foto de J. L. Cardoso.





**Fig. 8** – Vista parcial da primeira fase das escavações, em 2017. Importa destacar, do lado direito da imagem, a presença de troço de um muro muito robusto, irregular e incompleto, constituído por dois paramentos de blocos de grandes dimensões não aparelhados, com enchimento intermédio de blocos miúdos, de época alto-medieval (Fase 2), na área correspondente ao QR e QS. Foto de F. Martins.



**Fig. 9** – Vista geral da área escavada, no final da primeira fase dos trabalhos. Note-se a presença de dois muros rectilíneos ortogonais do século XIX, o primeiro correspondente ao prolongamento do troço ainda de pé observado do lado direito da foto. A demolição de ambos, na área escavada, deverá relacionar-se com a criação de um pátio interior, nos finais do século XIX. Foto de F. Martins.





**Fig. 10** – Pormenor de muro constituído por grandes blocos calcários desprovido de cimento argamassado, atribuível à época visigótica (ver legenda da Fig. 8), que assenta no nível constituído pelo derrube do telhado da casa romana, posto a descoberto no decurso da primeira fase dos trabalhos arqueológicos (2017). Nota-se bem o prolongamento dos fragmentos de *imbrices* reduzidos pelo seu pisoteamento como chão de habitação tardo-romana, por debaixo do muro. Foto de J. L. Cardoso.



**Fig. 11** – Pormenor, em segundo plano, do nível de derrube do telhado da habitação romana (Zona 3) (ver Fig. 7). Constituído exclusivamente por *imbrices*, este nível separa os depósitos de época alto-imperial, em parte constituídos por empedrado de blocos calcários que regularizou o substrato geológico cretácico, dos depósitos de entulhos com espólios romanos mais tardios, tardo-romanos, da antiguidade tardia, alto-medievais, baixo-medievais, modernos e de época contemporânea, servindo deste modo como elemento estratigráfico de referência. Note-se o alteamento do muro rectilíneo que ocupa a parte central da foto, correspondente à reutilização do espaço em época visigótica. Foto de J. L. Cardoso.





**Fig. 12** – Pormenor do derrube do telhado de *imbrices* alto-imperial constituindo uma camada de referência estratigráfica em toda a área escavada. Assente neste derrube, observa-se piso de coloração esbranquiçada de época moderna. Foto de J. L. Cardoso.



**Fig. 13** – Em primeiro plano, um dos muros rectilíneos romanos posto a descoberto na segunda fase dos trabalhos arqueológicos, em 2018. Provavelmente destinava-se a separar a habitação de uma via de circulação situada em primeiro plano na foto, caracterizada pela presença de grandes lajes calcárias, formando um possível pavimento e que se prolongará por debaixo da actual Rua Marquês de Pombal (Zona 1). O lado interno do referido muro correspondia ao interior da casa de planta rectangular, dividida a meio por muro oblíquo, visível na foto, e possuindo chão empedrado, também visível em segundo plano, posto a descoberto por debaixo do nível de *imbrices*. Foto de F. Martins.



Durante a segunda intervenção, em 2018, puseram-se à vista dois novos muros romanos, rectilíneos e ortogonais: um, constituído por blocos calcários que atingem grandes dimensões, de orientação Norte/Sul; e um outro composto por blocos mais pequenos (Fig. 13). Ambos assentam directamente no substrato geológico e reportam-se à fase construtiva mais antiga, integrando uma cada de planta sub-rectangular dividida interiormente por uma parede em duas divisões (Fig. 18).

Estas estruturas de carácter habitacional encontram-se associadas a materiais arqueológicos de várias épocas, configurando estabelecimento rural romano de assinalável longevidade.

A área escavada foi dividida em três zonas diferenciadas, separadas pelos muros rectilíneos identificados:

Zona 1 – área exterior, correspondente provavelmente a uma via de circulação situada do lado ocidental e que se prolonga por debaixo da actual Rua Marquês de Pombal;

Zona 2 – área da casa romana; (ver Fig. 18);

Zona 3 – área exterior à casa romana.

Após ter sido devidamente registado e fotografado, procedeu-se à remoção do nível contínuo de *imbrices* que selava a fina camada arqueológica subjacente (Fig. 7, 11 e 12). As *imbrices* cobriam em parte um empedrado, formando por elementos calcários irregulares de pequenas a médias dimensões com escassos materiais arqueológicos (Fig. 13 e 14), muito fragmentados (Zona 2), assente directamente em terras compactas estéreis vermelhas (*terra rossa*) e noutros casos no substrato rochoso constituído por calcários cretácicos (Fig. 15 e 16). Como este empedrado se desenvolvia do lado externo do muro da habitação romana, ulteriormente selado pelo nível de *imbrices*, é possível concluir que esta cobertura deveria corresponder a um espaço ao ar livre, do tipo telheiro.



Fig. 14 – Pormenor do empedrado, presente no exterior da habitação romana (Zona 3), depois de removida a camada contínua de *imbrices*, representado na Fig. 12. Segunda fase dos trabalhos arqueológicos, realizada em 2018. Foto de F. Martins.





**Fig. 15** – Pormenor do levantamento em curso do empedrado (ainda visível do lado esquerdo da foto) assente directamente em terras compactas estéreis (*terra rossa*) ou no substrato rochoso (Zona 3), do lado direito da foto. Segunda fase dos trabalhos arqueológicos realizada em 2018. Foto de F. Martins.



**Fig. 16** – Vista parcial da área intervencionada na segunda fase dos trabalhos arqueológicos em 2018, após o levantamento da totalidade do empedrado, formando empedrado, observado no exterior da habitação romana (Zona 3). Foto de F. Martins.

### 3 – RESULTADOS OBTIDOS

#### 3.1 – Estratigrafia

Na Fig. 17 apresenta-se a planta da área escavada com as estruturas habitacionais postas a descoberto no final dos trabalhos da primeira fase, realizada em 2017; a Fig. 18 corresponde à planta das estruturas identificadas na segunda fase dos trabalhos na mesma área.

Foram realizados três cortes estratigráficos: os cortes AB, CD e EF, cuja localização se apresenta na Fig. 17.

The figure is a detailed archaeological plan of an excavation site. It features a grid system with horizontal coordinates from 0 to 12.5 and vertical coordinates from 0 to 12.5. The plan shows various structures and features color-coded by construction phase: Phase 4 (Contemporary Era) in purple, Phase 3 (Modern Era) in orange, Phase 2 (High-Medieval Era) in green, and Phase 1 (Roman Era) in red. A legend in the bottom right corner identifies these phases and other elements: 'Telha' (tile) in red, 'Tijolo' (brick) in brown, and 'Substrato' (substrate) in grey. Three stratigraphic sections are marked: AB (a vertical section), CD (a diagonal section), and EF (a horizontal section). The plan also includes a north arrow, a scale bar (0 to 3 meters), and a title: 'Piso térreo do edifício da Rua Marquês de Pombal, n.ºs 3-7 (Centro Histórico de Oeiras) 2017'. Numerous numerical values are scattered across the plan, likely representing elevation or depth measurements.

Fig. 17 – Planta das estruturas arqueológicas postas a descoberto na primeira fase dos trabalhos arqueológicos, em 2017, e respectivo faseamento. Planta realizada por F. Martins e revista por J. L. Cardoso. Tintagem de B. L. Ferreira.

287





**Fig. 18** – Planta da área intervencionada com a indicação das estruturas arqueológicas de época romana e alto-medieval postas a descoberto na segunda fase dos trabalhos arqueológicos, em 2018. Evidencia-se uma casa de planta sub-rectangular, possuindo uma parede interna separando o espaço em dois compartimentos. Planta realizada por F. Martins e revista por J. L. Cardoso. Tintagem de B. L. Ferreira.

Sequência estratigráfica observada no corte AB (Fig. 19), de cima para baixo:

- C1 – camada terrosa castanha-clara, com pequenos elementos calcários dispersos, pouco compacta, com materiais de época contemporânea;
- C2 – fina camada de coloração esbranquiçada e amarelada, pouco compacta, com algumas cerâmicas de época moderna;



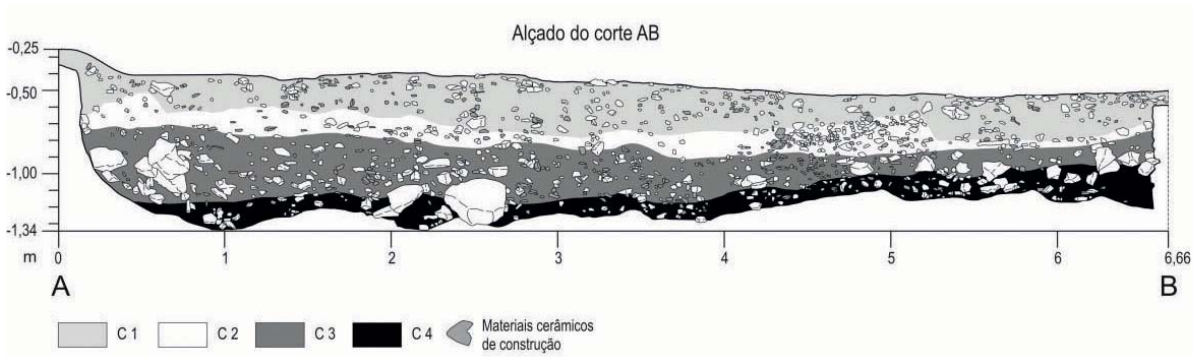


Fig. 19 – Rua Marquês de Pombal, Oeiras. Em cima: corte estratigráfico AB observado na primeira fase dos trabalhos arqueológicos, em 2017 (ver Fig. 17). Tintagem de B. L. Ferreira; em baixo: foto da correspondente sequência estratigráfica. Foto de F. Martins.

- C3 – depósito de terra argilosa-margosa, de coloração castanho-escuro, compacta, com alguns elementos pedregosos de pequena e média dimensão, de mistura com materiais de época alto-medieval;
- C4 – camada de coloração castanho-avermelhada, bastante compacta, com materiais de época romana e tardo-romana.

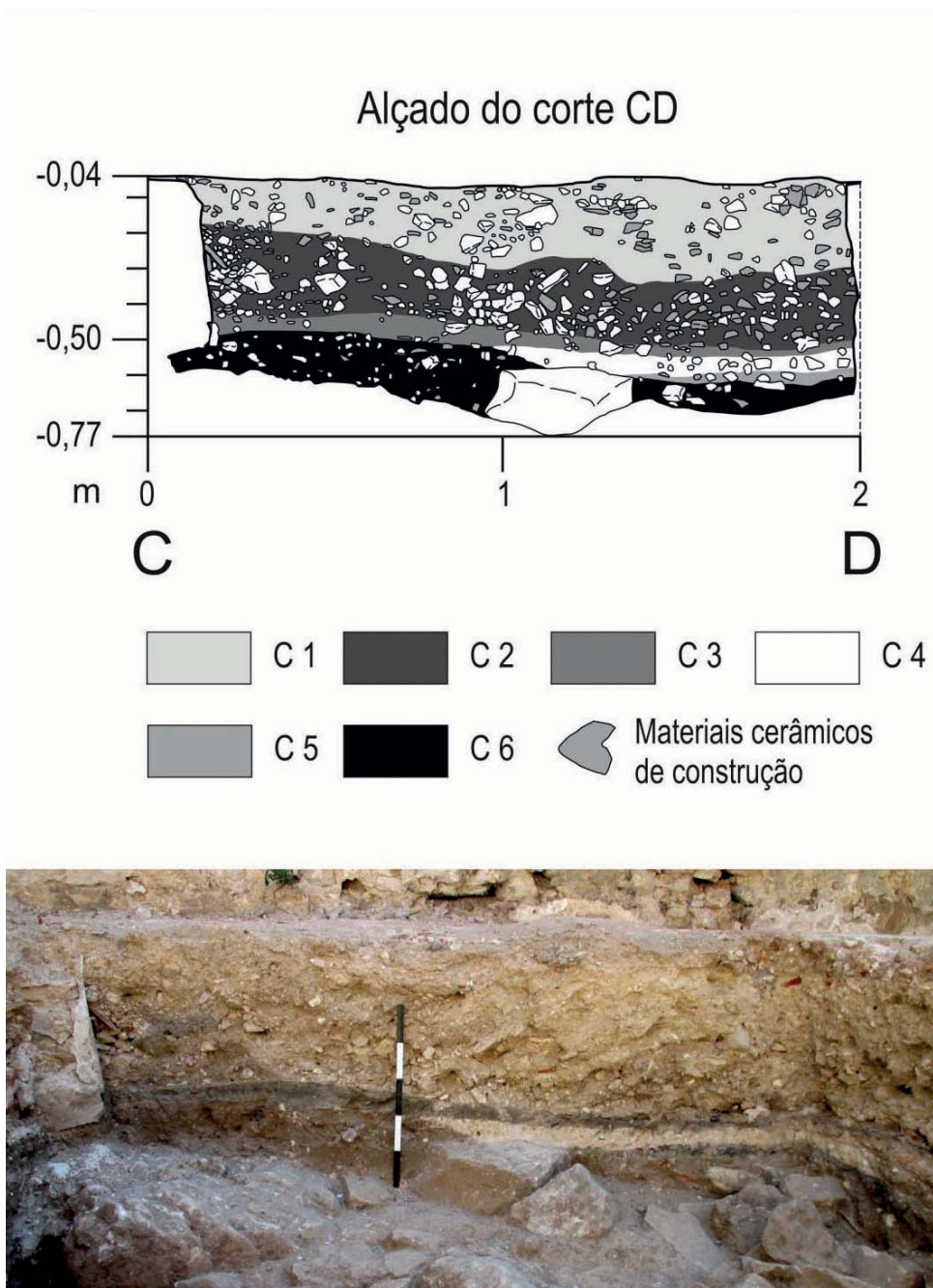
Sequência estratigráfica observada no corte CD (Fig. 20), de cima para baixo:

- C1 e C2 – depósitos terrosos soltos (entulhos), de coloração esbranquiçada e amarelada, com pequenos elementos calcários dispersos, de mistura com materiais de época moderna e contemporânea;
- C3 – fina camada argilosa-margosa, de coloração castanho-escuro, muito compacta (piso de habitação), com algumas cerâmicas de época moderna;
- C4 – fina camada de coloração esbranquiçada e amarelada, sem elementos calcários, muito compacta, registada apenas a meio do corte;
- C5 – fina camada argilosa-margosa, de coloração castanho-escuro, muito compacta, idêntica à camada C3, também registada apenas a partir do meio do corte realizado;
- C6 – camada de coloração castanho-avermelhada, bastante compacta, e com materiais de época romana, assente directamente no substrato geológico, correspondente a afloramentos de calcários do Cenomaniano Superior, com lapiaz incipiente, ou nas bolsas de *terra rossa* resultantes da sua alteração.

Sequência estratigráfica observada no corte EF (Fig. 21):

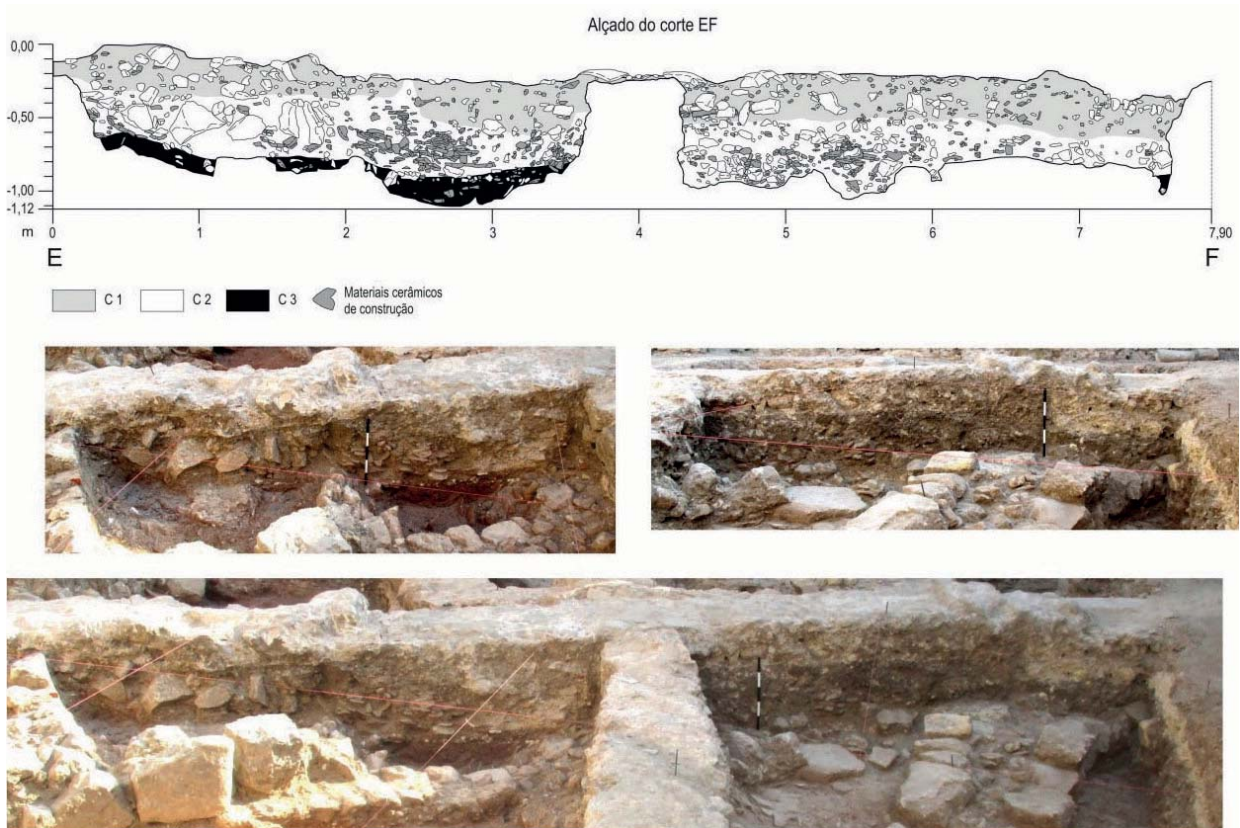
- C1 – embasamento do muro rectilíneo que ocupa longitudinalmente toda a área escavada, representado na Fig. 9 e 17, constituído por elementos pétreos de pequena e média dimensões, envolvidos em argamassa compacta, de coloração esbranquiçada (muro de época contemporânea);

- C2 – depósito terroso solto, de coloração castanho claro, com elementos pétreos de calcário, correspondente a entulhos, *imbrices* amontoadas, e materiais de época moderna e contemporânea;
- C3 – camada de coloração castanho-avermelhada, bastante compacta, com presença de *imbrices*, e com materiais de época romana e tardo-romana, assente directamente no substrato geológico, correspondente a afloramentos de calcários do Cenomaniano Superior, com lapiaz incipiente, ou nas bolsas de *terra rossa* resultantes da sua alteração.



**Fig. 20** – Rua Marquês de Pombal, Oeiras. Em cima: corte estratigráfico CD observado na primeira fase dos trabalhos arqueológicos, em 2017 (ver Fig. 17). Tintagem de B. L. Ferreira; em baixo: foto da correspondente sequência estratigráfica. Foto de F. Martins.





**Fig. 21** – Rua Marquês de Pombal, Oeiras. Em cima: corte estratigráfico EF observado na primeira fase dos trabalhos arqueológicos, em 2017 (ver Fig. 17). Tintagem de B. L. Ferreira; em baixo: foto da correspondente sequência estratigráfica. Foto de F. Martins.

### 3.2 – Estruturas arqueológicas e fases de ocupação

Com base nas observações efectuadas no terreno, nas estruturas identificadas e nas sequências estratigráficas registadas, e tendo ainda presente a tipologia e características dos espólios arqueológicos recolhidos, foram identificadas quatro fases cronológico-culturais principais, muito embora possa ter existido continuidade da ocupação entre algumas delas, pelo que o faseamento proposto apenas resulta da necessidade de maior comodidade da exposição:

#### Fase 1 – Época romana

Está representada por muros rectilíneos ortogonais, constituídos por blocos de médias dimensões, assentes directamente no substrato geológico, correspondente a afloramentos de calcários duros recifais do Cenomaniano Superior, com lapialização incipiente, ou nas bolsas de *terra rossa* resultantes da sua alteração. O conjunto arquitectónico posto a descoberto corresponde a uma casa de planta sub-rectangular, possuindo um muro divisório interior mal conservado criando dois compartimentos (Fig. 17).

O chão desta habitação era constituído por empedrado de blocos calcários de dimensões médias, destinados a regularizar o substrato geológico (Fig. 13). A cobertura era constituída por grandes ímbrices (Figs. 7, 8, 11 e 12), a qual em época situável cerca do século I/II d.C. se abateu sobre o piso primitivo da ocupação, que se encontrava limpo, como era de esperar em habitação que se encontrava em plena utilização. Verificou-se o prolongamento da camada constituída por *ímbrices* pelo exterior da habitação, sugerindo a existência de um telheiro, que cobria um piso igualmente constituído por empedrado calcário (Fig. 14).



Pode concluir-se que estas estruturas correspondem a uma habitação (*domus*) de planta sub-rectangular compartimentada interiormente em dois espaços e com o pivô revestido por empedrado de elementos calcários irregulares e heterométricos, assentes no substrato geológico. Este empedrado prolongava-se pelo exterior da casa, formando um pátio coberto também por telhado constituído por *imbrices*, que abateu cerca do século I/II d.C. formando um nível estratigráfico de referência, que separa os materiais coevos da primitiva ocupação da cada dos mais recentes (Fig. 7, 8, 11 e 12). O muro que a delimitava do lado ocidental, constituído por alinhamento rectilíneo de grandes blocos, confrontava com uma via de circulação provavelmente um eixo viário, que integrava grandes lajes calcárias, presentemente sob a actual Rua Marquês de Pombal.

A peça romana mais importante proveniente do depósito coevo da construção e primitiva ocupação da *domus*, selado pelo abatimento da cobertura de *imbrices* e um cabo torneado de marfim de uma sombrinha, cuja cronologia não é ulterior, pelas razões expostas, ao século I/II d.C. Por se tratar de exemplar único na Península Ibérica, foi já objecto de publicação (RODRÍGUZ MARTÍN, CARDOSO & CARDOSO, 2020) (Fig. 33, n.º 72; Fig. 45).

Por cima do referido nível de *imbrices*, que se formou abruptamente e de uma só vez, reconheceram-se depósitos heterogéneos e mais ou menos remexidos, contendo materiais arqueológicos de épocas variadas, desde a época tardo-romana à Idade Contemporânea, representativos das fases cronológico-culturais a seguir caracterizadas.

É importante assinalar desde já a presenta de produções finas da Antiguidade Tardia, com origem no Mediterrâneo Oriental, corporizadas por exemplares focenses, configurando a manutenção das rotas comerciais entre a bacia mediterrânea e o porto de Olisipo, de onde depois se distribuíam pelos territórios adjacentes (Fig. 25, n.º 22 e 23; Fig. 46, n.º 2).

## **Fase 2 – Época alto-medieval**

Os muros romanos pré-existentes foram nalguns troços alteados por blocos de maiores dimensões e mais irregulares, mantendo-se, em planta, o desenvolvimento dos mesmos (Fig. 11).

Observou-se ainda o troço de um muro muito robusto, irregular, constituído por dois paramentos de blocos de grandes dimensões não aparelhados, com enchimento intermédio de blocos miúdos (Fig. 8 e 10), assemelhando-se singularmente à tecnologia construtiva calcolítica observável em qualquer povoado dos existentes na região dessa época (Leceia, Moita da Ladra, Outeiro Redondo), explorados pelo primeiro signatário, mas que encontra paralelos em edifícios da Antiguidade Tardia observados nas *villae* do *ager olisiponensis* (BATALHA, CARDOSO & MONTEIRO, 2009, p. 26; CARDOSO, 2016, p. 170-177). Este muro, muito incompleto, com blocos não argamassados, assenta claramente no nível constituído pelo derrube do telhado da casa romana (Fig. 10), o qual constituía anteriormente piso de habitação tardo-romana, explicando-se deste modo o intendo pisoteamento com o aumento consequente da fragmentação das *imbrices*.

A degradação da tecnologia construtiva foi acompanhada pela ocorrência de produções cerâmicas de baixa qualidade, quando comparadas com as suas antecedentes tardo-romanas, reportáveis à época visigótica, situáveis entre os séculos VI e VIII d.C.

À época imediatamente seguinte reportam-se alguns materiais islâmicos pouco significativos, com paralelo nos espólios tipologicamente melhor definidos recuperados na área da *villa* romana situada a cerca de 250 m de distância e também dentro do casco antigo da vila de Oeiras, onde se recuperaram cerâmicas muçulmanas de diversas épocas (FERNANDES, CARDOSO & ANDRÉ, 2009); às produções mais recentes, que configuram transição para as do período da “Reconquista”, é a torre de roca de osso canelado, quase completa, agora recolhida (Fig. 33, n.º 75; Fig. 47), a qual tem paralelos recolhidos em território português reportáveis ao referido

período, destacando-se os exemplares de Mértola, que fazem deste tipo de artefacto um item relativamente abundante em contextos islâmicos daquela época (MACIAS, 1996, p. 89).

### **Fase 3 – Época Baixo-Medieval e Moderna**

Trata-se de fase construtiva representada por muros rectilíneos relacionados com edifícios de planta ortogonal, construídos com blocos argamassados com areia amarelada e cal (Fig. 4 e 5). Os muros exibem, em ambas as faces, forte revestimento de cal viva, característica comum nos séculos XVI e XVII, época a que pertencem alguns dos espólios recolhidos, adiante inventariados.

### **Fase 4 – Época Contemporânea**

A esta época pertencem diversos muros rectilíneos, um dos quais corresponde a uma parede mestra do edifício parcialmente demolido cujos troços conservados em altura assumem o mesmo alinhamento da parte agora posta a descoberto (Fig. 4, 6 e 9). Esta demolição relaciona-se com a última remodelação do espaço onde se implantou a escavação, que passou então a constituir área a céu aberto. O muros diferenciam-se dos da fase anterior, por não possuírem o intenso revestimento de cal que caracteriza aqueles, e pela melhor qualidade das argamassas utilizadas, de coloração esbranquiçada, mais duras do que as anteriores.

## **3.2 – Materiais Arqueológicos**

Associados às estruturas habitacionais identificadas foram recolhidos espólios de diversa natureza, que serão caracterizados de seguida de acordo com a sua cronologia e enquadramento espacial.

### **Paleolítico Médio**

Provém do sector QD, primeiro estrato, a 0-20 cm de profundidade, uma lasca de sílex retocada (n.º 1). Pelo talhe e patine amarelada que apresenta é reportável ao Paleolítico médio. Trata-se de peça remobilizada, provavelmente dos terrenos situados a cotas mais altas e de natureza basáltica, de onde terá provindo por gravidade. Com efeito, em toda a região de Oeiras, eram abundantes as indústrias desta época, que se dispersavam pelos solos do Complexo Vulcânico de Lisboa, presentemente quase todos eles correspondentes a áreas urbanas (CARDOSO, ZBYSZEWSKI & ANDRÉ, 1992; CARDOSO & CARDOSO, 1993).

### **Bronze Final**

A alta produtividade cerealífera dos terrenos basálticos ocorrentes em boa parte do concelho de Oeiras, e designadamente nas áreas mais elevadas envolventes da vila, explicam algumas ocorrências desta época, correspondentes a materiais remobilizados. Trata-se de dois elementos de foice denticulados, em sílex (n.º 2 e 3), característicos desta época. No povoado do Alto das Cabeças 3, Leião (CARDOSO & CARDOSO, 1993, p. 42, Fig. 8, n.º 6-10), presentemente desaparecido, foram recolhidos cerca de uma centena de tais elementos.

Também se identificaram diversos fragmentos de cerâmicas manuais desta época, destacando-se: um fundo de base plana (n.º 3), recolhido num estrato mais profundo, entre 100 cm e 120 cm; e o um outro fragmento (n.º 4) recolhido em QD, a 0-20 cm de profundidade. Trata-se de um bordo vertical, ligeiramente extrovertido, de acabamento brunido. A pasta apresenta cor negra devido a cozedura redutora. Embora estes escassos vestígios correspondam a exemplares remobilizados, nas proximidades imediatas recolheram-se materiais desta época em contexto arqueológico, subjacente à ocupação romana identificada na Rua das Alcássimas (CARDOSO, 2016/2017)



## Idade do Ferro

Não são raros os vestígios desta época na área do Município. Nos inícios do século XX, junto ao moinho da “Junção do Bem”, no lado norte da vila de Oeiras, foram recolhidos alguns materiais da segunda Idade do Ferro (CARDOSO, 1996, p. 361-365). Recorde-se que nas proximidades das margens da ribeira da Lage existiram vários casais deste período e um grande povoado no sítio de Freiria, já no concelho de Cascais. Os casais agrícolas de Gamelas 3, situados em solos basálticos a norte de Oeiras, evidenciam bem a continuidade da intensa exploração cerealífera dos referidos solos relativamente a períodos anteriores (CARDOSO & SILVA, 2012).

A esta época pertencem dois fragmentos de bordos de recipientes manuais. Um deles corresponde a pequeno pote de bordo vertical e bojo oval (n.º 6), de pasta avermelhada, enquanto o segundo bordo, ligeiramente extrovertido, pertence a panela (n.º 7), apresentando cozedura semi-redutora.

Foi também identificado um fragmento de prato de aba larga, em cerâmica comum, com caneluras circulares no tardo. Não foram encontrados paralelos exactos para esta peça, sendo o mais próximo, o tipo 1Aa da Rua dos Correeiros (SOUSA, 2014, p. 329, est. 1, n.º 2374).

As ânforas deste período encontram-se representadas por um único fragmento (n.º 9), uma asa de secção circular e parte da parede do bojo, mas que assim mesmo atesta a importância da comercialização e circulação de produtos importados na região.

Recolheram-se também diversos fragmentos de bordos extrovertidos, correspondendo a potes (n.ºs 10-13), sendo que um deles apresenta decoração brunida, feita com traços paralelos.

Quanto às panelas, identificaram-se exemplares com bordo em S. A peça n.º 14 oferece pasta cinzenta e parede brunida externamente, enquanto a peça n.º 15 exhibe cozedura redutora.

## Do Período Romano à época islâmica

Os vestígios de época romana são consentâneos com os que habitualmente se encontram nesta época, onde, para além de telhas e tijolos, existe cerâmica fina, ânforas e outros utensílios. Não se conseguiu confirmar a relação da casa agora identificada com a *pars urbana* da *villa* romana, localizada na rua das Alcássimas. É possível que se tratasse de uma dependência rural da mesma, situando-se na sua *pars rustica* ou *fructuaria*.

As datações obtidas apontam para que o local tenha conhecido uma ocupação romana a partir do final do período republicano, a que pertenceriam pelo menos parte dos materiais da Idade do Ferro acima inventariados prosseguindo, a partir da segunda metade do século I, até ao século V d.C., adquirindo, no entanto, maior notoriedade no Baixo-Império.

Na Antiguidade Tardia observa-se uma diminuição de espólios recolhidos, destacando-se as cerâmicas de origem mediterrânea oriental, corporizadas pelas produções focenses identificadas, as quais se juntam a outras evidências já conhecidas para a região (CARDOSO, CARDOSO & MARTINS, 2018). Tal evidência é de assinalar, pois comprova a manutenção das ligações comerciais com aquela área do Mediterrâneo já depois do fim do Império Romano do Ocidente, comprovando a difusão cultural que se vivia durante o século VI, e apontando para que, na foz da Ribeira da Lage, continuasse a funcionar o porto que ligava *Olisipo* às *villae* ocidentais do *ager olisiponensis*.

A fivela visigótica encontrada é idêntica a um exemplar recolhido na *villa* romana de Freiria; quanto às cerâmicas de fabrico manual coevas, as mesmas confirmam o quase desaparecimento de uma produção regional em *figlina*, substituídas por produções grosseiras de fabrico local, facto consistente e transversal a esta cronologia.

Os escassos vestígios do período Islâmico, em comparação com o conjunto de cerâmicas exumadas durante as escavações da rua das Alcássimas, demonstram que o sítio da Rua Marquês de Pombal, já era à época uma zona periférica, afastada do principal núcleo de ocupação populacional.

### *Cerâmicas finas*

Na sequência de alguns resultados já apresentados pelos signatários (CARDOSO, CARDOSO & MARTINS, 2018), o estudo dos materiais da Antiguidade Tardia correspondentes às cerâmicas finas recolhidas durante os trabalhos de escavação, forneceram os seguintes resultados.

Dentro das cerâmicas finas mais antigas, regista-se o fragmento de taça de *terra sigillata* africana A, tipo Hayes 27 (n.º 16), datável entre os finais do século II e meados do século III, recolhida na zona 3, no estrato de telhas.

Em QT, a 40-60 cm de profundidade, foi exumado um fragmento de prato de *terra sigillata* africana D (n.º 17), do tipo Hayes 59, com cronologia entre o 2º quartel do século IV e meados do V.

De QS, à profundidade de 60-80 cm, foi recolhido um fragmento de bordo de prato de *terra sigillata* africana D, do tipo Hayes 67 (n.º 18), datado entre a 2ª metade do século IV e a segunda metade do século V.

Em QO, a 20-40 cm, foi recolhido um fragmento de bordo de taça de *terra sigillata* africana clara D, do tipo Hayes 96 (n.º 19; Fig. 46, n.º 1). Hayes aponta para uma data compreendida entre 490 e 540 (HAYES, 1972, p. 149 e 150). Ainda de QO, a 0-20 cm de profundidade, é proveniente um fragmento de fundo e pé, indeterminado, de *Terra sigillata* africana D (n.º 20).

Da camada de telhas, Zona 3, provém um fragmento de fundo de prato, decorado, possivelmente tipo Hayes 87 (?), de *terra sigillata* africana D (n.º 21). Apresenta duas caneluras profundas a delimitar quatro círculos concêntricos (do tipo Hayes 27r), intercalados por palmeta (tipo Hayes 1b), provavelmente da segunda metade do século V.

Recolheu-se em QD, a 0-20 cm de profundidade, um fragmento de bordo, tipo Hayes 3, variante F, de cerâmica foceense (n.º 22; Fig. 46, n.º 2).

Durante a decapagem das terras soltas recolheu-se outro fragmento de bordo, tipo Hayes 3, de cerâmica foceense (n.º 23).

Um terceiro fragmento de cerâmica, com fundo anelar, indeterminado, foi recolhido em QP (n.º 24). Datamo-lo cronologicamente da primeira metade do século VI.

### *Ânforas*

O grupo das ânforas é heterogénico mas de pequena expressividade.

Da Zona 3, aquando do empedrado, durante a segunda fase dos trabalhos, foi exumado um bico fundeiro de ânfora do tipo Haltern 70 (n.º 25), produção da Bética. Transportava habitualmente *defrutum*, e circulou entre os finais do século I a.C. a meados do século I d.C.

O desmonte do muro de menor dimensão ofereceu um fragmento de asa com uma canelura externa, característica do tipo Dressel 14 (n.º 26), produção do Tejo, da segunda metade do século I a finais do século II.

Em QL, a 20-40 cm de profundidade, recolheu-se um pequeno fragmento de bordo triangular de ânfora, do tipo Almagro 51c (n.º 27), produção certamente das *figlinae* da bacia do Rio Tejo. Como se encontra esbotada na zona do lábio, somos levados a colocar a sua produção entre meados do século III e a segunda metade do século IV.

Durante o desmonte do empedrado na Zona 3, junto ao substrato geológico, foi encontrado um fragmento de boca de ânfora com arranque de asa, do tipo Almagro 51c.C., produção do Tejo/ Sado (n.º 28). É uma forma que aparece habitualmente em contextos dos finais do século IV a meados do V (CARDOSO, 2009 a, p. 69).



Temos um fragmento de asa de ânfora Almagro 51c, retirado da camada das telhas que se pode datar entre o século III e os meados do IV (n.º 29).

Por último, foi recolhido um fragmento de bocal de ânfora, em QT, a 40-60 cm de profundidade, do tipo Africana II/Keay VI (n.º 30), datável entre 230-350. Trata-se de uma ânfora produzida no Norte de África, utilizada para transporte de azeite, pastas de peixe e vinho.

De acordo com o que já se tinha observado para a Idade do Ferro, constatamos que os materiais anfóricos atestam a importância do local, bem como a circulação de bens numa perspectiva económica, com especial destaque para o consumo de produtos exógenos.

### *Lucernas*

Recolheram-se dois pequenos fragmentos de lucernas. Da camada inferior às telhas, na Zona 3, saiu um fragmento de disco e orla decorada, indeterminado (n.º 31) e outro fragmento com disco e asa tipo Ponsich 7/8 (n.º 32), datável do século II ao III.

### *Cerâmica Comum*

Do vasto conjunto de material cerâmico exumado resulta uma maior percentagem de peças utilitárias de uso comum. Os fragmentos recolhidos demonstram que a ocupação do sítio ascende ao final do período republicano/época augustana, tal como indica o fragmento de bordo de taça, de cozedura semi-redutora (n.º 33), recolhido por debaixo das telhas e idêntico a outros encontrados na *villa* de Freiria, datados dos finais do século do século II a.C. aos finais do século I d.C. (CARDOSO, 2018, 325, Fig. 250 e 251).

As bilhas estão presentes através de um fundo indeterminado, de cozedura redutora, cor cinzenta (n.º 34) e proveniente de QB, a 80-100 cm de profundidade. Uma outra bilha está presente através de um fragmento, com arranque da asa junto ao lábio que se apresenta extrovertido (n.º 35), recolhido em QO, a 0-20 cm de profundidade. Jeannette Nolen coloca esta forma entre a época dos flávios e os finais do século II (NOLEN, 1985, p. 42). Por outro lado, a boca de um cântaro de pasta vermelha (n.º 36), proveniente da Zona 2, encontra paralelo entre os séculos I e III (NOLEN, 1985, p. 60). Recolheu-se um pequeno fragmento de asa de bilha com duas caneluras externas, durante o desmonte ao nível das telhas (n.º 37), provavelmente do século IV.

O interior da casa (Zona 1) ofereceu um pequeno fragmento de parede de almofariz, produção da Bética, de tipo indeterminado (n.º 38). Os almofarizes eram peças fundamentais na preparação de pratos na cozinha romana, para obtenção de molhos, envolvendo o esmagamento ou trituração de ervas e outros condimentos.

Do grupo dos pratos destacam-se três fragmentos de bordo. Um de lábio com ressalto (n.º 39) recolhido na camada abaixo das telhas, Zona 3, e dois de bordo reentrante (n.º 40 e 41), destes, o primeiro durante o desmonte do muro e o segundo em QF, a 60-90 cm, junto ao substrato rochoso, datáveis de entre o século II e a 1ª metade do século IV (NOLEN, 1985, p. 85).

Recolheram-se dois pequenos fragmentos de taças. A primeira (n.º 42) foi localizada na camada de telhas, Zona 3, para a qual existem paralelos em Freiria, entre os finais do século IV inícios do V (CARDOSO, 2018, p. 334, Fig. 258, n.º 1). O segundo fragmento de bordo de taça (n.º 43) foi exumado no mesmo estrato.

O conjunto das panelas é dos mais diversificados. Em QP, a 40-60 cm de profundidade, na camada de telhas, recolheu-se um fragmento de panela produzida na Bética. O seu bordo triangular revela semelhanças com o exemplar que Macarena Bustamante integra no grupo II das produções locais de Mérida, datado de meados do século I a inícios do século II (2012, p. 415, 432, Fig. 8, n.º 24).

Três panelas de bordo em S foram recolhidas em QM, a 0-20 cm de profundidade, (n.º 45, cozedura redutora), no desmonte do muro mais pequeno (n.º 46), e durante o desmonte do nível das telhas (n.º 47).

Nos trabalhos efectuados do muro mais longo, foi recolhido um bordo de aba rectangular, pequeno (n.º 48), datável entre o século IV e os inícios do V.

Dos tipos que se integram nas produções do século V, regista-se um bordo de panela achatado (n.º 49), proveniente de QF, a 60-80 cm de profundidade, com paralelo em Freiria (CARDOSO, 2018, p. 340, Fig. 267, n.º 4). Também dos finais do Império se registaram bordos em S, provenientes de DF, 0-20 cm de profundidade (n.º 50 e 51), assim como em QS, a 40-60 cm (n.º 52). Da mesma época recolheu-se um bordo triangular, em aba, de QO, a 40-60 cm de profundidade (n.º 53, cozedura semi-redutora).

Entre as imitações existentes tipo 37T de TSHT, existe um fragmento de taça, levantada à roda lenta e cozedura semi-redutora (n.º 54), para o qual encontramos paralelos na *villa* de Freiria, entre os séculos VI-VII (CARDOSO & BATALHA, 2018, p. 173, Fig. 3, n.º 1).

Peça menos comum do período romano é a marca de jogo. O exemplar foi recolhido na Zona 3, junto às telhas (n.º 55), enquanto o fragmento de *tegula* proveniente de QD, foi exumado a 20-80 cm de profundidade (n.º 56).

Da Antiguidade Tardia regista-se o bordo de panela com asas sobrelevadas (n.º 57), recolhido em QD, a 20-60 cm de profundidade, datável entre os séculos VI-VII, no Espigão das Ruivas (CARDOSO & BATALHA, 2018, p. 182, Fig. 8, n.º 136).

Proveniente de QG, a 20-60 cm de profundidade, foi exumado o bordo, provavelmente de panela, apresentando cozedura semi-redutora (n.º 58), muito idêntico ao da taça, n.º 43, facto pelo qual a datamos dos finais do século IV inícios do V.

Recolhido de QT, a 40-50 cm de profundidade, registou-se um bordo de prato ou tigela, com cozedura semi-redutora (n.º 60) e cronologia dos inícios do século V.

As panelas de bordo em S, cozedura semi-redutora, provenientes de QG 80-100 cm de profundidade (n.º 61 e 62), e de QH, a 100-120 de profundidade (n.º 63), são datadas no século V.

O exemplar levantado à mão e submetido a cozedura redutora, apresentando duas bandas paralelas de linhas em zig-zag (n.º 64), é proveniente de QJ, a 0-20 cm de profundidade. Trata-se de um exemplar característico do período visigótico com cronologia entre os séculos VII e VIII.

Entre as peças de maiores dimensões salienta-se um alguidar de bordo vertical, espessado, ligeiramente extrovertido (n.º 65), recolhido em QG, a 0-20 cm de profundidade, e outro exemplar de bordo afilado, seguido de canelura larga, recolhido em QK, a 20-40 cm de profundidade (n.º 66). Para este tipos de peças temos paralelo na *villa* de Freiria datáveis entre o século o VIII e o IX (CARDOSO & BATALHA, 2018, p. 173, Fig. 3, n.º 26; CARDOSO, 2018, p. 349, Fig. 278, n.º 2-4).

Recolheu-se na Zona 3, na camada por baixo das telhas, um fragmento de bordo reentrante, rectangular, de uma grande bacia (n.º 67). A forma, técnica de fabrico, bem como o tipo de cozedura, colocam-na cronologicamente entre os séculos VIII-IX.

Por último temos uma panela de bordo em S, ligeiramente extrovertida (n.º 68), recolhido em QG, a 80-100 cm de profundidade, que se pode integrar no tipo 2 de José Carvajal López, datado entre os séculos IX e X (2007, p. 424, lám. I).

### *Moedas*

Recolheram-se três moedas romanas em liga de cobre. Duas foram recolhidas por baixo do nível de telhas em contacto com o substrato geológico (*terra rossa*) durante o desmonte da zona Oeste. Uma delas corresponde a um asse tendo no anverso a cabeça de Augusto virada à esquerda e reverso ilegível (n.º 69). É cunhagem hispânica do século I a.C. de oficina indeterminada. A segunda provém igualmente da zona Oeste, correspondendo também a um asse que no anverso apresenta um busto virado à direita e reverso ilegível (n.º 70).



A terceira moeda corresponde a um bronze (Ae 4) do Imperador Constante, cunhagem pré-reforma entre 337 e 346, recolhido em Q1, entre 0-20 cm de profundidade, em mau estado de conservação, observando-se no anverso o busto do Imperador laureado voltado à direita e no reverso a representação de duas Vitórias, afrontadas, segurando coroas de louros (SEAR, 1981, 3871) (Fig. 48, n.º 2 e 3).

#### *Vidro*

Recolheu-se um único fragmento de taça de vidro transparente, incolor, de forma indeterminada (n.º 71), inserida numa cronologia entre os séculos III e V.

#### *Artefactos de marfim e de osso*

Deste conjunto de materiais faz parte um cabo canelado, de marfim torneado, com cavidade longitudinal interior para a fixação de um cabo, pertencente a sombrinha (n.º 72; Fig. 45). Esta peça, recolhida sob a camada de abatimento do telhado, atesta o requinte proporcionado pelo desafogo económico de alguns dos habitantes do espaço em causa, no decurso da primeira fase da ocupação, provavelmente logo no início, na época augustana (CARDOSO & ANDRÉ, 2020, Fig. n.º 29). Por ser de assinalável raridade, foi recentemente destacada e objecto de um estudo monográfico devidamente documentado (MARTÍN; CARDOSO & CARDOSO, 2020) (n.º 72; Fig. 45).

Da época romana recolheu-se ainda um fragmento de alfinete de toucado, em osso (n.º 73), artefacto de uso pessoal, muito comum em contextos arqueológicos romanos.

De QO é proveniente uma torre de roca também em osso, utilizada para fiar, actividade que ocupava a mulher nas lides domésticas. A cronologia deste exemplar pode atribuir-se aos séculos XII /XIII, conforme já acima se referiu (n.º 75; Fig. 47).

São raros os materiais deste período (XII-XIII) recolhidos durante os trabalhos de escavação. No entanto, a presença dos mesmos foi registada numa intervenção ocorrida na Rua das Alcássimas, ali próximo, tendo o conjunto exumado sido objecto de estudo, também como atrás ficou dito (FERNANDES, CARDOSO & ANDRÉ, 2009).

#### *Fivela de cinto*

Durante o desmonte da Zona 1 foi recolhida uma fivela de placa rígida (n.º 74). Trata-se de uma peça do período visigótico, com paralelo numa outra, recolhida na área do lagar da *villa* romana de Freiria, localizada a cerca de quatro quilómetros de Oeiras (CARDOSO, 2018, p. 362, Fig. 291, n.º 19).

Existem outros paralelos na Península nomeadamente no cemitério visigótico de El Carpio de Tajo (RIPOLL, 1985); na necrópole de Daganzo de Arriba (Madrid) foram também recolhidos alguns exemplares idênticos, datados entre 580 d.C. e 600 d.C. (BARROSO CABRERA, MORÍN DE PABLOS & LÓPEZ QUIROGA, 2010, p. 138).

## **Da Baixa Idade Média à Idade Contemporânea**

#### *Cerâmica comum*

O conjunto integra alguns exemplares datáveis entre os séculos XV e XX, atestando a continuidade da ocupação do mesmo local, onde, com o decorrer dos tempos, se fixou uma comunidade de condição social elevada.

Foi efectivamente durante o século XVIII que Oeiras conheceu o início do seu maior desenvolvimento. Na segunda metade do século, sob a tutela do arquitecto húngaro Carlos Mardel, é construído o palácio que

servirá de residência oficial a Sebastião José de Carvalho e Melo, Conde de Oeiras e depois Marquês de Pombal, nome pelo qual o edifício ficou conhecido. Contudo, a construção da Igreja Matriz, dedicada a Nossa Senhora da Purificação, entre 1702 e 1744, dada a sua dimensão, denota uma importante comunidade que se foi fixando em quintas, principalmente desde a centúria de seiscentos, tirando partido da situação geográfica privilegiada junta da capital, com bom acesso por via marítima, bem como do desenvolvimento agrícola devido à exploração de solos de excelente qualidade e à abundância de água.

Com o estatuto de Reguengo, Oeiras, durante o século XV irá contribuir para o projecto da expansão, com o abastecimento de trigo à cidade de Lisboa.

Associados ao século XV, início do período moderno, registam-se alguns fragmentos cerâmicos. O primeiro, relacionado com parte do corpo de uma caneca, no qual se observa o arranque de asa e o fundo, em cerâmica fosca (n.º 76). Sendo uma peça característica deste período, encontram-se bons paralelos em Cascais (CARDOSO & RODRIGUES, 1991, p. 582), em Almada, no silo 12 da rua da Judiaria e ainda na rua Henriques Nogueira, dentro do mesmo contexto (SABROSA & SANTOS, 1993, p. 120). Estes, exumados em silos medievais, e reutilizados em época posterior como fossas detriticas, ofereceram decoração incisa (BATALHA *et al.*, 2008, p. 78-79, Fig. 28, 29, 30).

Um segundo exemplar corresponde a uma caçoila de perfil incompleto. O corpo, de forma troncocónica e bordo bifido, sugere que a esta peça corresponderia uma tampa, apesar da decoração incisa em zig-zag (n.º 78). Trata-se de um modelo de uso corrente entre os séculos XV e XVI, tal como se verificou em contextos paralelos para Lisboa, mais concretamente numa intervenção na Rua dos Correeiros, na qual foi exumado um tacho com as mesmas características (DIOGO & TRINDADE, 2001, p. 23).

O terceiro fragmento corresponde a um bordo de alguidar, em aba, espessado, apresentando grande diâmetro (n.º 77). Peça cerâmica imprescindível e com múltiplas funcionalidades, dependendo das suas dimensões, está presente desde cronologias muito recuadas, principalmente em contextos domésticos. Este exemplar encontra paralelo num modelo de alguidar encontrado em contextos de transição entre o Período Baixo Medieval e o Moderno (séculos XIII – XVI), de acordo com os materiais exumados do silo 1 de Vila Verde dos Francos (CARDOSO & BATALHA, 2018, p. 104).

Datado do século XVII, é um fragmento de bordo de pote com secção triangular, revestido a vidro plumífero e apresentando nervuras no colo (n.º 92). Não sendo possível o registo do perfil completo, sabe-se, por analogia com outros exemplares, que o corpo destas peças evoluía para forma globular, terminando geralmente numa base em bolacha. Trata-se de uma peça vidrada nas duas superfícies, processo de impermeabilização visando a sua utilização, principalmente em contextos culinários ligados à conservação, como por exemplo, do mel. Em Lisboa, surgem em variados contextos, dos quais se destaca o conjunto cerâmico exumado do poço setecentista da Rua dos Bacalhoiros, n.º 16 (PINHEIRO *et al.*, no prelo).

Do conjunto de cerâmica fosca ressalta um fragmento de grande pote de água, com a particularidade de apresentar um cordão plástico digitado, aplicado na vertical, que, para além de reforçar as suas paredes, era indicador da medida de capacidade (n.º 100).

A utilização de cordões plásticos, principalmente em grandes contentores, é uma técnica ancestral aplicada em fabricos cerâmicos como reforço das suas paredes. Contudo, no período moderno, assiste-se a um revivalismo em que, para além dos grandes contentores, outras peças de menores dimensões surgem com cordão plástico na vertical, na maioria das vezes preenchido com decoração digitada. Um fragmento de panela com cronologia atribuída ao século XVI, cujo cordão manifesta quase total ausência de digitados, foi exumado do interior do poço setecentista da ETAR de Alcântara, em Lisboa (BATALHA & CARDOSO, 2014, p. 135). Um outro exemplar de panela foi exumado nas entulheiras dos fornos de Santo António da Charneca, no



Barreiro, datado do século XVI, que, embora sem cordão plástico, apresenta o digitado sob a asa (BARROS *et al.*, 2012, p. 703).

A demonstrar a transversalidade desta aplicação, a mesma foi registada em contentores de cerâmica fosca, um pote e um tacho, exumados durante os trabalhos arqueológicos efectuados no Museu Machado de Castro, em Coimbra, e cuja cronologia aponta para os séculos XV-XVI (COSTEIRA DA SILVA, 2012, p. 889).

Os contentores de líquidos integram ainda um bordo de bilha, preenchido com caneluras até ao nível do colo (n.º 94). Trata-se de uma forma comum neste período, como peça indispensável no serviço de cozinha, cujos paralelos se dispersam por amplo território, entre os quais, vários exemplares no Convento dos Dominicanos em Montejunto (CARDOSO, 2007, p. 70), bem como nas entulheiras do centro produtor de cerâmica de Santo António da Charneca (BARROS *et al.*, 2012, p. 706). Nos séculos XVII-XVIII, exemplares vidrados ou em cerâmica fosca, entre os quais as canecas de serviço de mesa, apresentavam igualmente o colo preenchido com caneluras (PINHEIRO *et al.*, no prelo).

A panela, dada a sua funcionalidade na cozinha, é das peças que surge em maior quantidade em contextos arqueológicos. As sopas ou os caldos, a que se juntava um naco de carne com alguns legumes e leguminosas, sempre fizeram parte da dieta diária das comunidades ao longo dos tempos.

A grande diversidade formal encontrada a partir do século XVI, prende-se, principalmente, com o facto de, fruto do contacto com o Novo Mundo e regiões distantes do Oriente, terem chegado até nós produtos que revolucionaram e enriqueceram a nossa gastronomia, alterando os hábitos alimentares dos portugueses, factor, que do ponto de vista cultural, se poderá designar como: “democratização do paladar”.

Apesar de neste conjunto cerâmico se apresentar um único exemplar de panela, é o mesmo revelador de uma forma que se vulgarizou intensamente durante os séculos XVII e XVIII. O bordo, de secção rectangular, apresenta lábio plano, colo marcado, a partir do qual, por norma, evolui para corpo hemisférico (n.º 130).

Este modelo vai conhecer alguma evolução, corporizada pela peça n.º 131, de cozedura oxidante, cujo bordo se encontra mais espessado, o colo vertical e igualmente bem marcado no ponto de evolução do corpo.

Os restantes exemplares fazem parte de um conjunto datado do séc. XIX. As panelas continuam a manter os bordos espessados, de secção quadrangular e os lábios planos (n.º 132 e 133).

Para além das panelas, os tachos ganham lugar de destaque na cozinha portuguesa, com os assados e os guisados, agora bem condimentados. Uma cozinha acessível a quase todos os estratos sociais.

Tal como se observa nos dois exemplares estudados (n.º 134 e 135), os bordos são espessados, podendo oferecer secção semicircular e duas pegas horizontais, que nalguns exemplares se apresentam triangulares, a exemplo do que se verifica nas frigideiras e papeiras, evoluindo para um corpo troncocónico de base convexa.

Regista-se também a presença de uma tampa, apresentando bordo espessado, com aba, e perfil incompleto (n.º 136). Trata-se de um modelo datado do século XIX, no qual se observa evolução em relação aos modelos da centúria anterior no que respeita à espessura da barbeta que se encontra bem destacada da parede da peça. Por ausência do perfil completo não é possível determinar a forma da pega. Este exemplar apresenta alguma similitude num dos exemplares exumados no convento dominicano de Nossa Senhora das Neves em Montejunto (CARDOSO, 2009, p. 78).

Neste grupo de cerâmica fosca verifica-se ainda a existência de um fragmento de bordo de pote. Apresenta perfil extrovertido e ligeiramente espessado, não sendo possível determinar a sua forma (n.º 137). A par das panelas, esta peça é recorrente nos espaços domésticos, sendo fundamental para a preparação de cozinhados em maior quantidade, sendo utilizada também como contentor de desperdícios na cozinha, e aproveitada posteriormente para a ração dos animais, para o armazenamento de alguns cereais, leguminosas, e como

recipientes para curtir azeitonas, enquanto os de menor dimensão eram usados para conservação de mel ou frutos em calda.

O fragmento de fundo de panela constitui um elemento relevante neste conjunto, dado tratar-se de uma peça de fabrico manual, apresentando uma pasta com características específicas que a colocam entre as produções possivelmente africanas (n.º 95). A sua presença tem vindo a ser registada em Lisboa, Almada, Cascais, Serra de Montejunto – Cadaval, numa filiação directa com a população de escravos e conseqüentemente uma nota dissonante e singular neste conjunto, associada a uma cultura exógena (CARDOSO, 2009, p. 80) e (BARROS & CARDOSO, 2008).

As frituras, de peixe ou de carne, eram igualmente muito apreciadas. A comprová-lo, temos, designadamente, um exemplar de frigideira com bordo espessado, sugerindo pequena aba, a que, neste caso, faltam as características pegas triangulares. (n.º 98). O fundo evolui para um perfil côncavo.

Tratando-se, ao que tudo indica, de um contexto de desperdícios domésticos, a percentagem de algumas formas cerâmicas não corresponde ao elevado número de exemplares utilizados regularmente nas cozinhas. No entanto, as frigideiras são elementos muito comuns, principalmente em locais de venda de comida, como ficou demonstrado através do conjunto de materiais exumados do poço da Rua dos Bacalhoiros, n.º 16, em Lisboa (PINHEIRO *et al.*, no prelo).

Como já foi referido, os alguidares constituem peça fundamental nos ambientes domésticos, encontrando-se sistematicamente em contextos arqueológicos, com distintas dimensões. Nesta circunstância, trata-se de um bordo de pequeno alguidar com aba bem pronunciada e ausência de base. Por vezes, estes pequenos alguidares poderiam assumir dupla funcionalidade e servirem como saladeiras. Contudo, dada a especificidade do bordo, não se afigura que seja o caso (n.º 99).

Tratando-se de um reportório formal bem identificado em contextos modernos e transversal a todo o território, torna-se dispensável estudo comparativo exaustivo, dado que os resultados dos conjuntos publicados, quer do ponto de vista formal, quer quanto à utilização, se afiguram esclarecedores. No entanto, esta amostragem de peças, levantadas a roda rápida, em cerâmica fosca e de cozedura oxidante, encontra bom paralelo com o conjunto exumado recentemente do poço da Rua do Bacalhoiros, n.º 16, em Lisboa, igualmente com cronologia atribuível ao período em análise (PINHEIRO *et al.*, no prelo).

Outros exemplares assumem grande importância em contextos domésticos do século XIX. São eles, os contentores de líquidos, presentes através de uma boca de bilha ou eventualmente, um pequeno cântaro de bordo espessado, sobre campo emoldurado, num colo alto de paredes verticais (n.º 128).

Ainda inserido nesta cronologia, é um bordo de púcara com bordo espessado e inflexão interna a fim de poder assentar uma tampa (n.º 129).

### *Cerâmica vidrada – Faiança*

A partir de finais de quinhentos, a loiça de mesa conhece um novo incremento com a introdução dos chamados fornos de Veneza, nos quais se dá início à produção intensa destas cerâmicas.

Face à necessidade de melhor compreender o processo produtivo relacionado com a faiança, têm vindo a desenvolver-se estudos relacionados com os vestígios das oficinas que chegam até nós através de acompanhamentos arqueológicos e que fizeram parte desse grande centro produtor que foi Lisboa.

A qualidade, tanto das pastas, como do vidrado, bem como a gramática decorativa, nem sempre acompanham o ritmo de produção, na medida em que, uma vez generalizado o seu uso, a faiança conquistou uma vasta clientela, com graus variáveis de exigência, por oposição à que resultava de encomendas feitas pelas classes mais abastadas, fosse para consumo interno, ou para exportação.



Esta análise baseia-se no facto de nos últimos anos se terem obtido alguns resultados que vieram esclarecer o que se produzia e como se produzia a faiança nas oficinas da capital, nomeadamente através dos trabalhos arqueológicos na Rua de Buenos Aires (BATALHA *et al*, 2012), (BATALHA *et al*, 2016) e nos efectuados no Largo de Jesus (CARDOSO *et al*, 2018).

De acordo com os resultados obtidos, as faianças oferecidas por estes contextos apresentam pastas características dos barreiros de Lisboa: barros com vestígios de ferro, friáveis, numa variante cromática entre o branco e o amarelado.

O espólio correspondente ao conjunto de faianças com cronologia de finais do século XVII e inícios do XVIII, identificado na presente colecção, embora se apresente representativo deste período, carece da grande variedade formal e decorativa que o identifica.

Sete exemplares correspondem a pratos e dois a saladeiras. Os pratos, em faiança, encontram-se presentes através de alguns fragmentos decorados. A azul e manganês, círculos e contas, no caso do exemplar com perfil completo da primeira metade do século XVIII (n.º 79). Encontra-se predominantemente em meio urbano, mas, foi registada igualmente a sua presença na camada superficial do Castro de Leceia, no concelho de Oeiras (CARDOSO, 2011, p. 154). Estes modelos foram também encontrados nos trabalhos que decorreram no Convento Dominicano de Nossa Senhora das Neves, na Serra de Montejunto (CARDOSO, 2009, p. 56). Um prato de perfil completo com decoração minimalista, dois círculos azuis junto ao bordo, bem como no fundo, onde se registam ainda algumas pinceladas singelas no centro (n.º 80), foi datado de meados do século XVIII, e no mesmo contexto (CARDOSO, 2009, p. 57). Um outro prato de perfil incompleto, decorado com friso em óxido de manganês junto ao bordo, na superfície interna (n.º 84), e outro exemplar, com motivos possivelmente vegetalista, (n.º 85), ilustram a variedade cromática patente nas peças exumadas neste local. Contudo, predominam os semicírculos concêntricos na superfície interna dos exemplares (n.º 82, 83, 86, 87 e 88), tal como no fragmento recuperado da área da *Villa* romana, no Centro Histórico de Oeiras (CARDOSO, 2011, p. 162). Este conjunto engloba ainda um jarrinho datado do século XVIII. O corpo, piri-forme, assenta em base anelar e apresenta-se revestido a vidro branco, com decoração transversal, através de uma barra azul contornando a zona mesial da peça (n.º 81).

No caso das cerâmicas de importação, possuímos três fragmentos de taças, em qualquer dos casos com ausência de perfil completo. São fragmentos decorados com motivos vegetalista (n.º 89, 90 e 91), sendo que o último corresponde a uma cronologia do século XIX.

As porcelanas, loiça fina de mesa, conhecem a sua maior difusão na Europa a partir do século XVI, através dos contactos com o Oriente. Inicialmente peças de luxo adquiridas por bolsas abastadas, vão sendo paulatinamente introduzidas no mercado interno, vulgarizando-se o seu uso; assim se justifica a sua presença, principalmente em meio urbano, tal como o atestam as recentes intervenções arqueológicas, nomeadamente na capital. Contudo, em Oeiras, na zona histórica, trabalhos arqueológicos dirigidos por um dos signatários, haviam já registado fragmentos de peças de porcelana, nomeadamente de um prato com decoração vegetalista (CARDOSO, 2011, p. 163).

O elevado consumo destas cerâmicas, encontra-se bem patente nos esteiros de Alhos Vedros, bem como no lugar das Palafitas, na Baixa da Banheira. Ali, em local de salinas, regista-se a presença de uma quantidade significativa de fragmentos de porcelana. O mesmo fenómeno se observa no sítio limitado pela Ponta da Passadeira e a base aérea do Montijo. A ocorrência destes exemplares explica-se pelo seu depósito numa zona onde as marés vão desagregando os muretes das antigas salinas, passadiços de acesso nos quais eram depositados lixos domésticos, a fim de os manter consolidados, processo utilizado ainda na actualidade.

O espólio cerâmico que atesta a continuidade da ocupação deste lugar no período contemporâneo, encontra-se presente quer na cerâmica vidrada, quer no conjunto de cerâmica fosca. Este é um momento em que a industrialização se impôs através do processo de produção em massa, com ampla difusão em praticamente todos os sectores da sociedade. No último quartel do século XVIII, surge uma grande fábrica de louça, a Real Fábrica do Rato, em Lisboa, sucedendo-se o aparecimento de outras ao longo do século XIX, como a de Sacavém em 1850, das Devesas em 1860, no Porto, ou a de porcelana Vista Alegre em 1824, em Aveiro.

Cada uma destas unidades fabris desempenhou um papel importante na história do fabrico de cerâmica do país. As produções de porcelana Vista Alegre mantiveram-se até aos nossos dias como símbolo de prestígio e rapidamente outras empresas se foram impondo no mercado, vulgarizando-se o produto e, conseqüentemente, baixando os preços, tornando assim acessível a sua aquisição a um vasto leque social.

Em Oeiras, como podemos verificar, as produções cerâmicas de faiança datadas do século XIX, encontram-se representadas por taça revestida de vidrado branco, estanífero, com decoração azul ao longo do bordo (n.º 101) e ainda em dois pratos (n.º 102 e 103). Um exemplar de bandas policromas com perfil incompleto e outro, vidrado a branco com decoração azul no bordo, inspirado em modelos ingleses, foi encontrado no espólio exumado dos contextos Contemporâneos do Palácio de Santana em Carnide (MONTEIRO *et al.*, 2019; no prelo).

Os exemplares n.º 104 e 105 correspondem as taças de faiança, vidradas, paredes praticamente rectas, uma das quais policroma, enquanto outra taça com decoração dourada apresenta pasta em “pó de pedra” (n.º 106).

Um fundo, de peça indeterminada, possivelmente de uma taça, dado o seu diâmetro, apresenta vidrado nas duas superfícies e decoração policroma (n.º 107).

De proveniência inglesa temos um fundo de taça em cerâmica branca, com ausência de decoração (n.º 108). Durante este período é muito comum o registo de fragmentos de origem inglesa, normalmente porcelana branca, muito fina.

Em grés, foi exumado um fragmento de peça indeterminada, vidrada a verde, com a particularidade de apresentar parte de um carimbo da firma “Campos e Filhos” (n.º 109). Esta leitura indica-nos ainda tratar-se de uma peça produzida em Aveiro, entre 1896 e 1923, ano em que a fábrica mudou de proprietário (RODRIGUES, 1996, p. 633).

Os exemplares em cerâmica fosca, vidrada, são significativos. É o caso de um pote, representado por um fragmento de bordo com parede, revestido a vidrado plumbífero amarelo no seu interior (n.º 110). Este, de grande dimensão apresenta um pequeno bordo de secção circular, em aba.

Utilizando a mesma técnica de cozedura e aplicação de vidrado, ocorre uma tigela com bordo extrovertido e corpo globular (n.º 111), possivelmente utilizada para sopa, uma vez que o seu interior se encontra impermeabilizado.

Identificaram-se quatro saladeiras, com algumas variações quanto ao bordo que apresentam, ou seja, com aba descaída (n.º 112 e 114), de secção circular (n.º 113) ou ainda de secção triangular com lábio plano (n.º 115). Estas saladeiras, todas elas apresentando superfície interna vidrada, poderiam ser também utilizadas como pequenos alguidares, adquirindo por isso dupla funcionalidade.

Com maiores dimensões e no seguimento das formas anteriores, são três fragmentos de bordos de alguidares, com idênticas características (n.º 116, 117 e 118).

Apesar da introdução de outros recipientes em contextos domésticos, os alguidares, particularmente em meio rural, continuam a ser utilizados para funções diversificadas, como na preparação da massa do pão, ainda cozido em fornos de lenha, na medida em que o barro possui características que contribuem para que os alimentos mantenham sabores inconfundíveis e peculiares.



Exemplos desta utilização são os tachos. Os três exemplares em análise apresentam forma característica que se perpetuou até à actualidade. São modelos baixos, paredes rectas, verticais e bordo ligeiramente espessado com suave ressaltado no interior (n.º 119, 120 e 121). Tal como se observa nas frigideiras, as pegas, que no período moderno se encontravam bem destacadas, sob o bordo, são agora diminutas, quase imperceptíveis, aplicadas quer na horizontal, quer na vertical. A superfície interna mantém o vidrado, para impermeabilizar a peça e assim garantir a sua utilização durante mais tempo.

Possivelmente, ainda com filiação no século XVIII, em cerâmica fosca, regista-se um fragmento de bordo de taça ou saladeira, ligeiramente espessado e apontado, corpo troncocónico, mas com ausência de base (n.º 122).

Atendendo às necessidades de higiene, os bacios e os servidores, eram peças fundamentais no ambiente doméstico, num tempo ainda longínquo do conceito de “quarto de banho”, espaço próprio de higiene pessoal. Assim, os bacios ou penicos, normalmente em faiança e decorados, eram colocados debaixo da cama, enquanto os servidores ou bispotes, peças mais altas e mais cómodas, eram de cerâmica fosca, vidrados na superfície interna, por vezes nas duas, e nalguns modelos de maior dimensão, de abas mais largas, com reforço das mesmas através de contrafortes.

O exemplar em análise corresponde a um pequeno servidor com bordo em aba, paredes verticais, revestido de vidrado plumbífero nas duas faces e ausência de perfil completo (n.º 123).

A este período corresponde ainda um fragmento de taça ou possivelmente de uma copa, em vidro, com paredes muito finas (n.º 124). A peça, do serviço de mesa, encontra-se decorada com suave policromia sobre superfície gravada.

A produção de cerâmica fosca, tradicionalmente fabricada pelos oleiros de cada região, foi adquirindo características e nomenclatura próprias. Na década de 60 do século XX, a introdução do plástico veio destronar uma actividade ancestral, e hoje, vão permanecendo alguns núcleos de produção, adaptados aos tempos modernos, com conceptualizações inovadoras, viradas inclusive para a exportação, como foi o caso de alguns oleiros do centro produtor de cerâmica da Bajouca, em Leiria ou mais a Sul, no Alentejo, em São Pedro do Corval.

Estas populações tinham os seus momentos de lazer. A marca encontrada confirma que também aqui havia lugar para a distração, reaproveitando fragmentos de cerâmica que depois de afeiçoados se convertiam em peças de jogo (n.º 138). A vertente lúdica que nos é dada observar através desta peça, é transversal a vários períodos da história, sendo um indicador de sociabilização entre as comunidades, por vezes reutilizando os materiais disponíveis.

#### *Vidro e metais*

Embora escassos, os metais também se encontram presentes nesta intervenção.

Recolheu-se um fragmento de copo de vidro lapidado (n.º 124), na zona 3, área de empedrado, que aponta para uma produção do século XVIII ou dos inícios do seguinte.

Durante o desmonte da zona Oeste recolheu-se, nas terras soltas superficiais, uma moeda de liga de cobre (n.º 125). Trata-se de um meio real preto de D. Duarte (1433-1438), que corrobora a existência no local, acima referenciado, de produções cerâmicas desta mesma época (Fig. 48, n.º 1).

De QR, a 0-20 cm de profundidade provém uma grande fivela de sapato (n.º 126), reflectindo a indumentária vigente no século XVIII.

Em QL, a 20-40 cm de profundidade, recolheu-se, ainda, uma pulseira em liga de cobre, de fio de secção quadrangular retorcido, dos finais da Idade Moderna ou já da Idade Contemporânea (n.º 128).

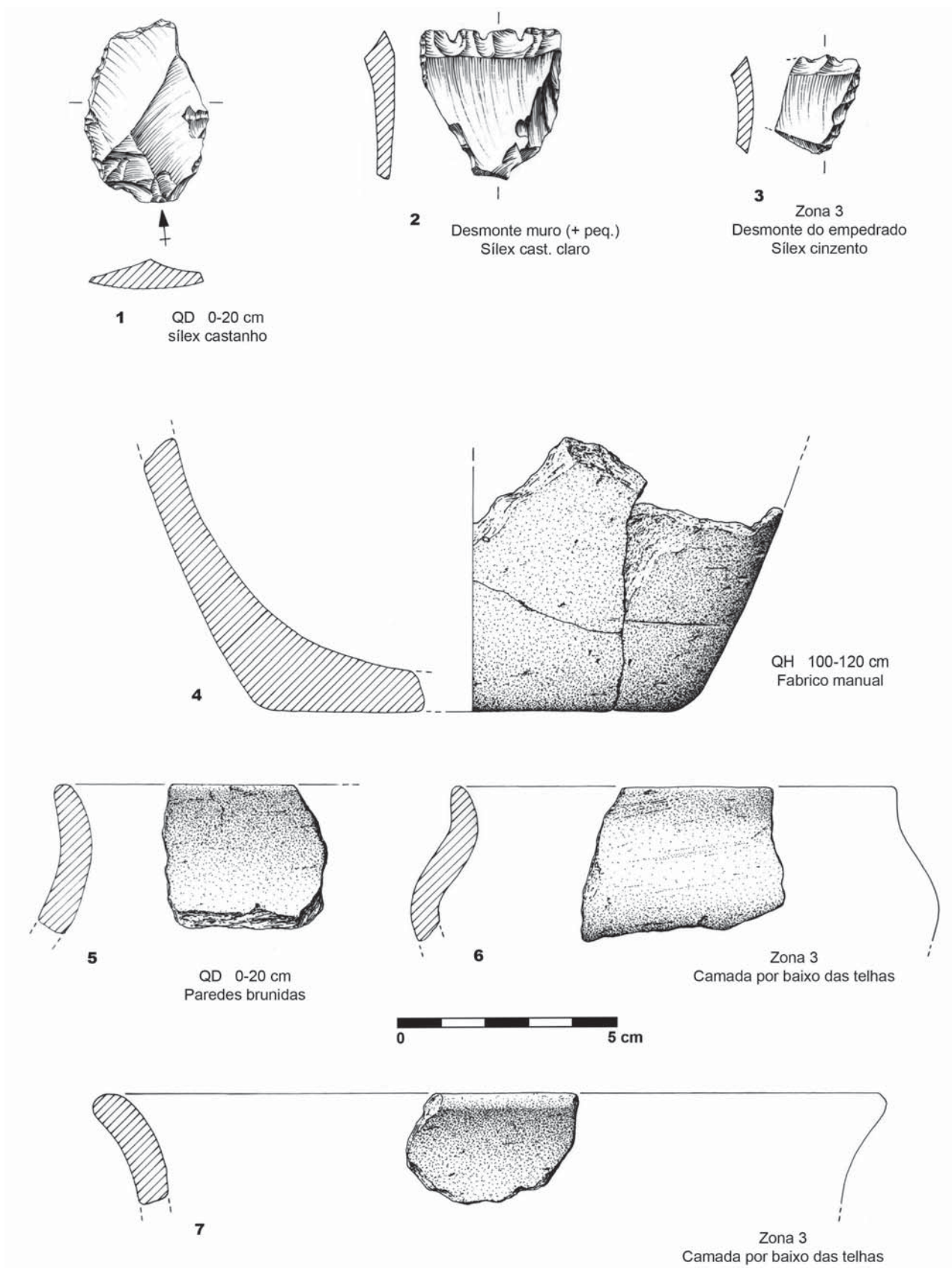


Fig. 22 - Rua Marquês de Pombal, Oeiras. Desenhos de F. Martins.

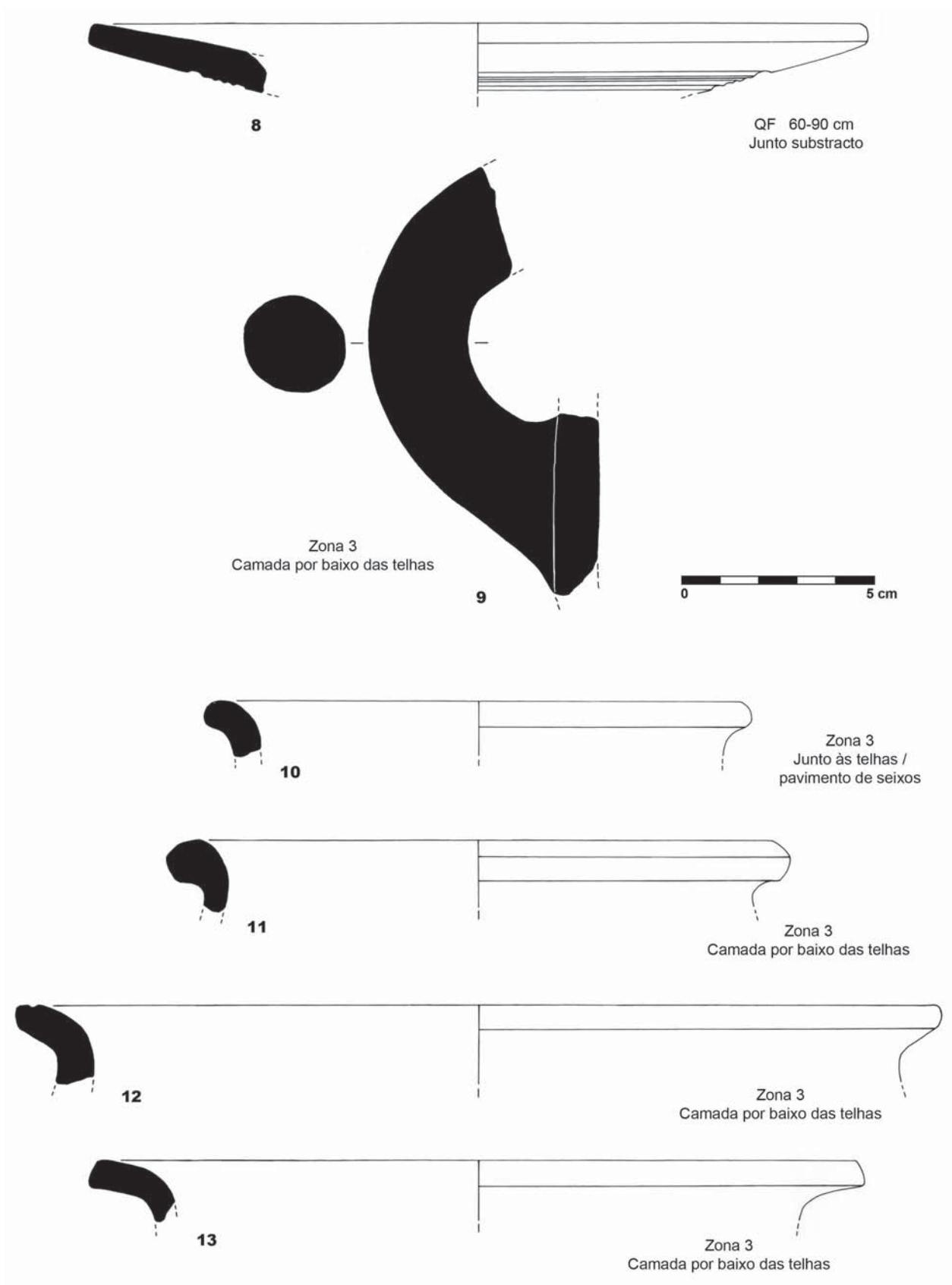


Fig. 23 – Rua Marquês de Pombal, Oeiras. Desenhos de F. Martins.



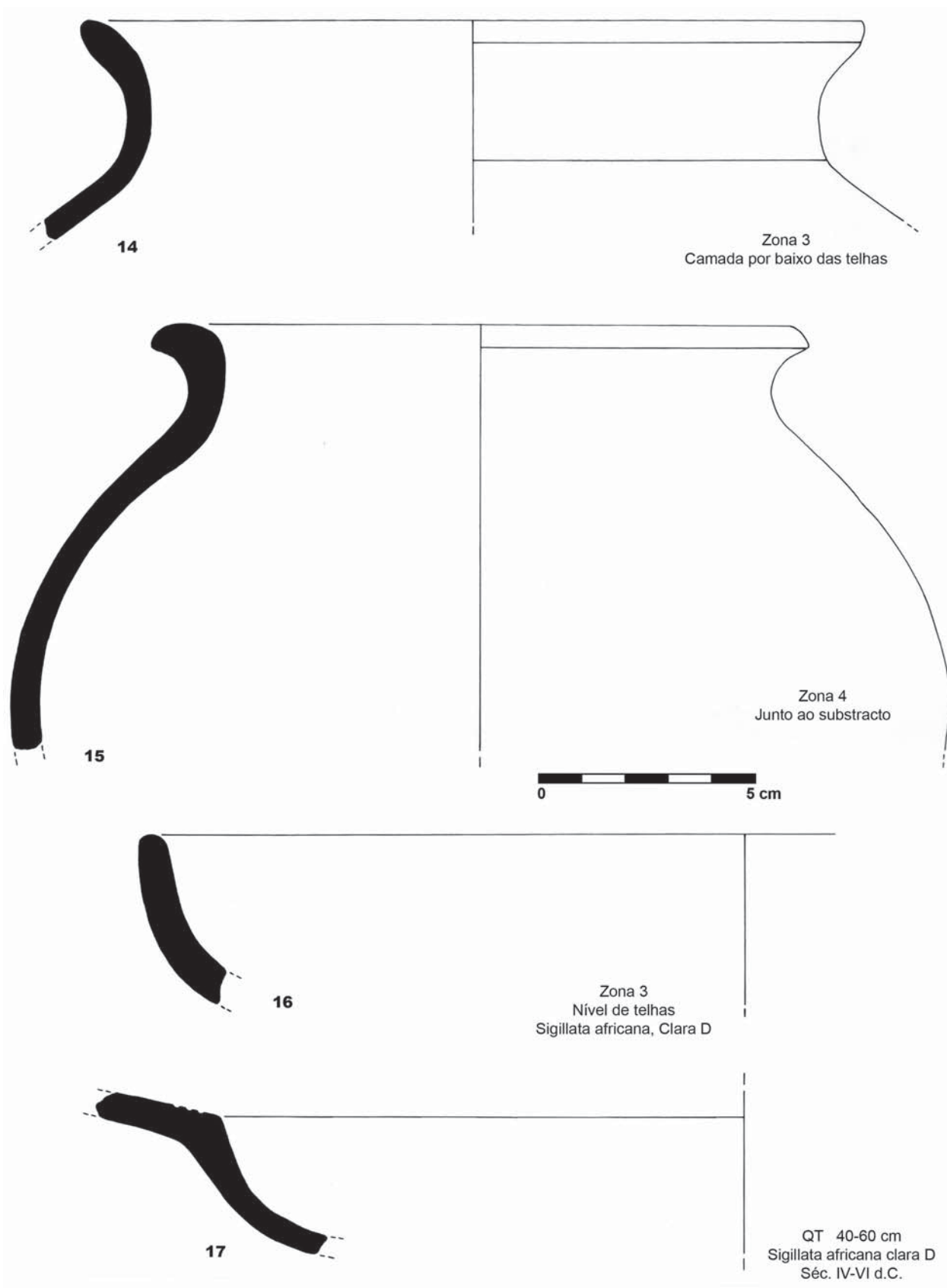


Fig. 24 - Rua Marquês de Pombal, Oeiras. Desenhos de F. Martins.

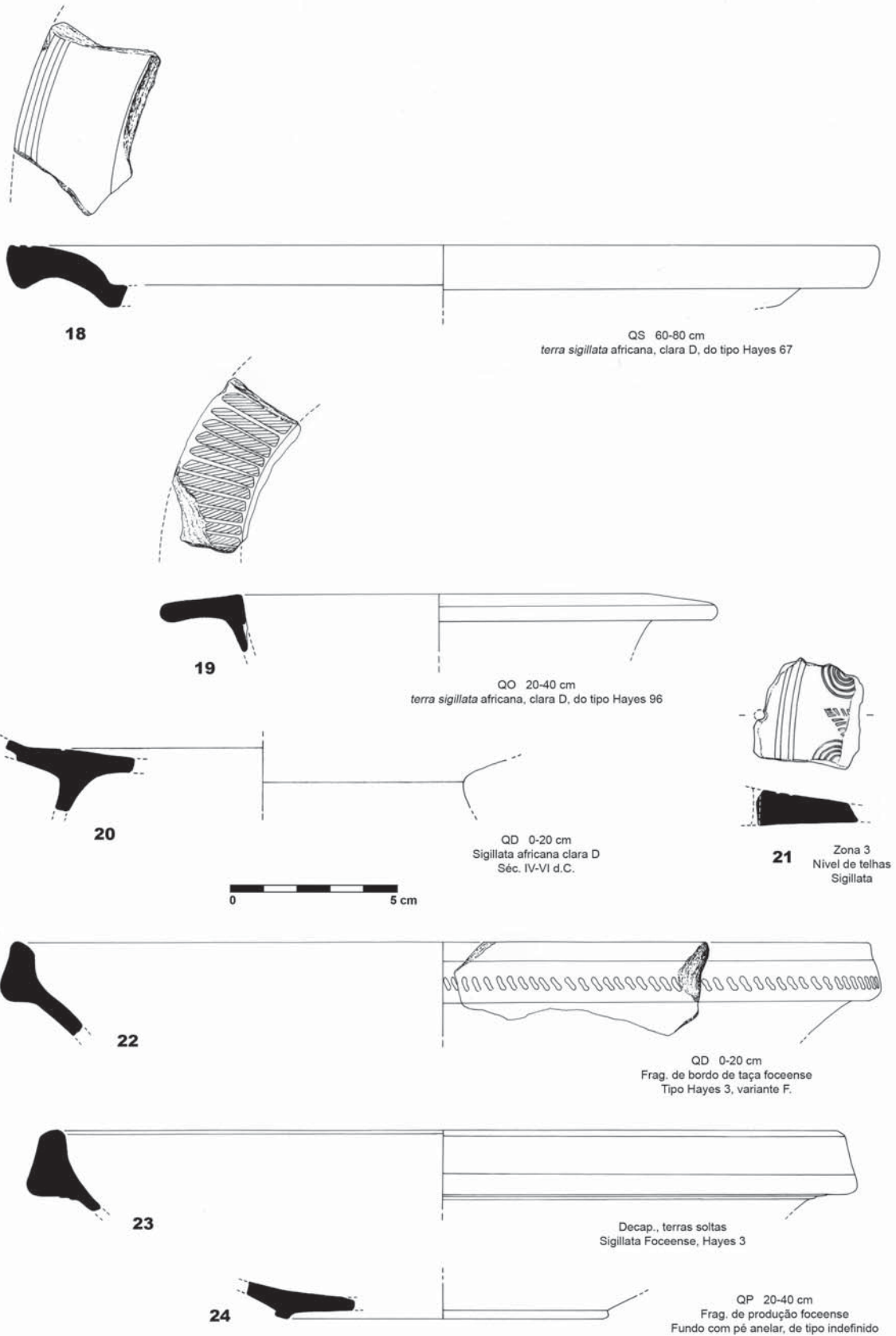


Fig. 25 - Rua Marquês de Pombal, Oeiras. Desenhos de F. Martins.

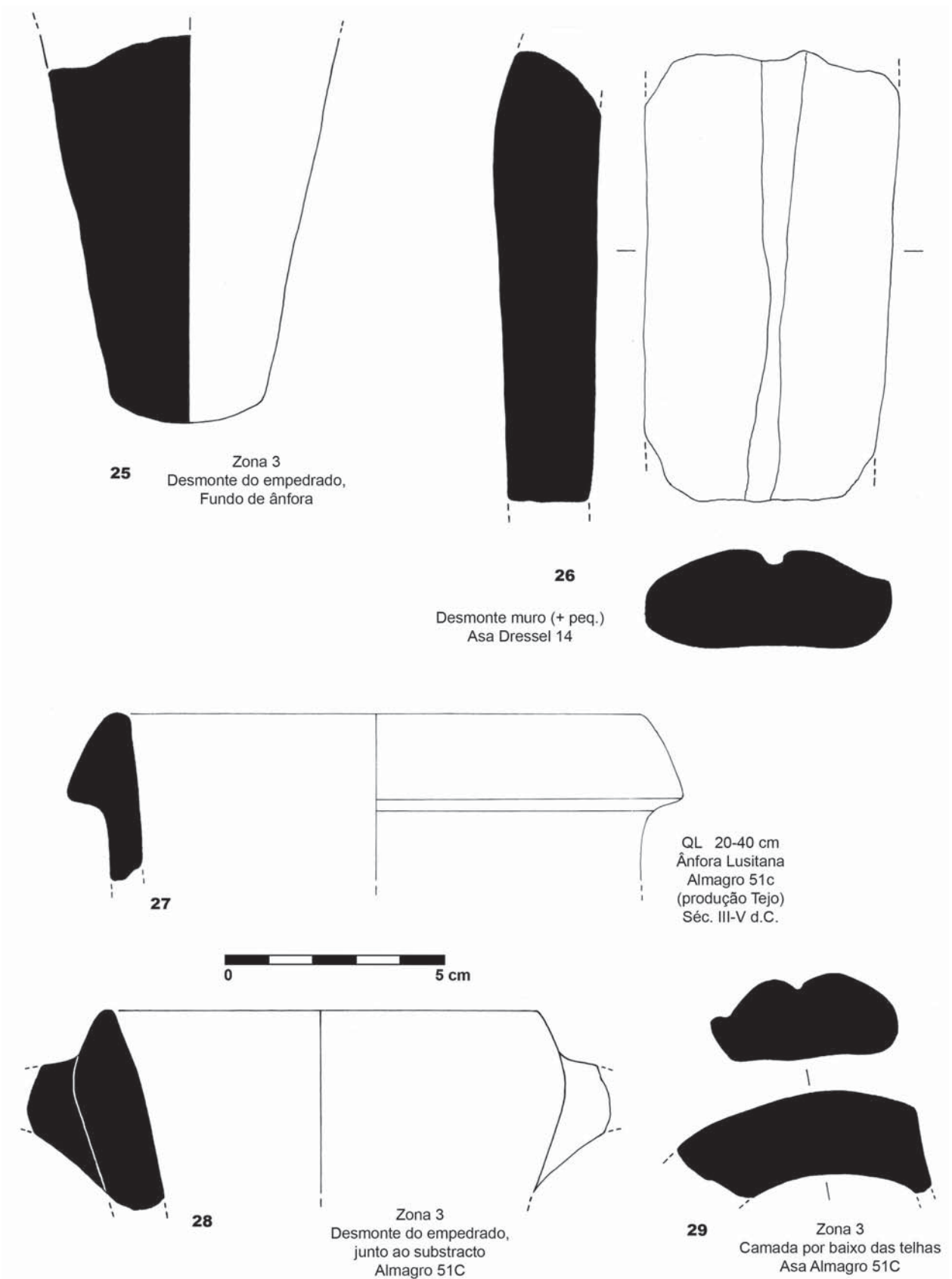


Fig. 26 – Rua Marquês de Pombal, Oeiras. Desenhos de F. Martins.



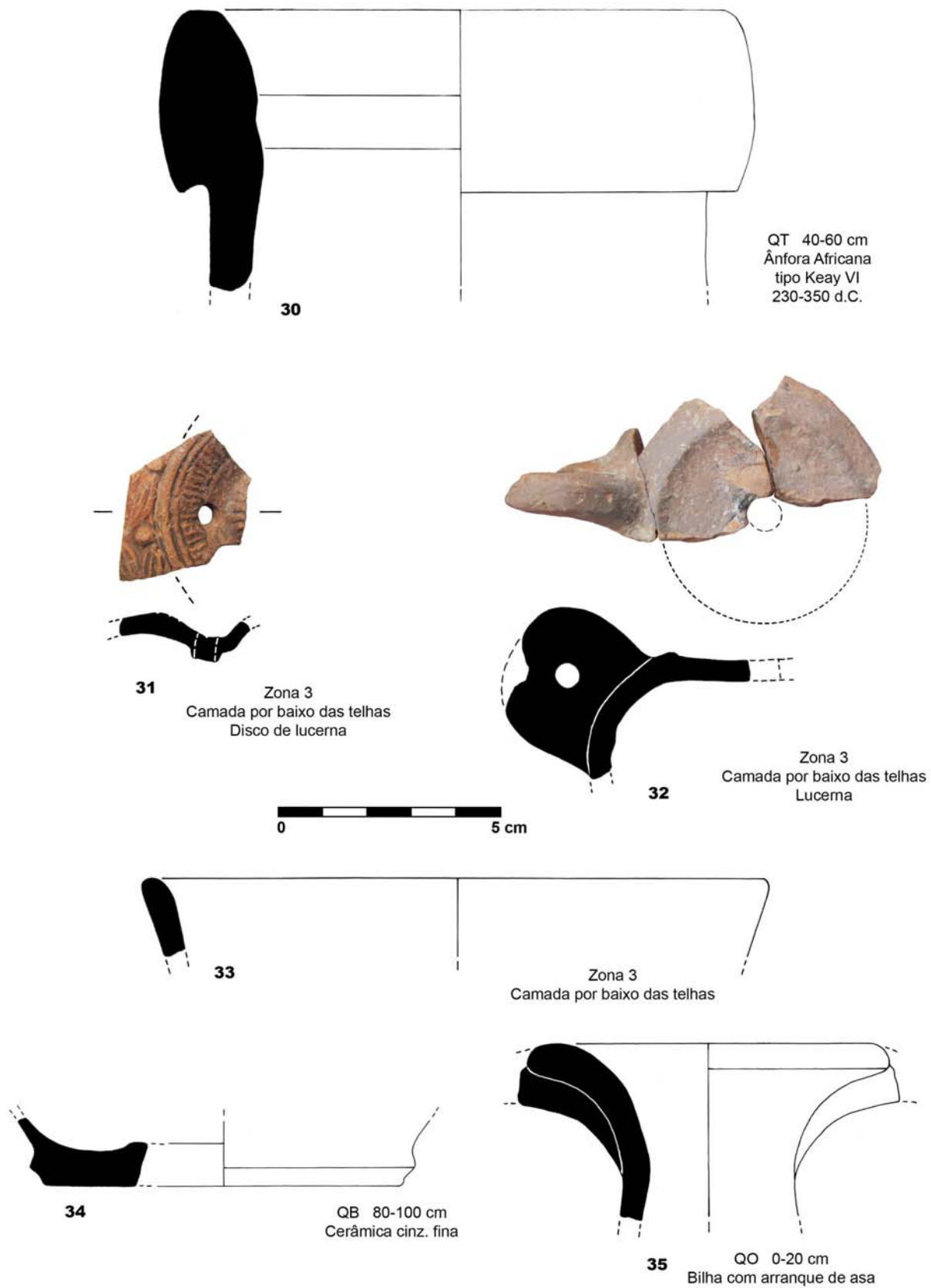


Fig. 27 – Rua Marquês de Pombal, Oeiras. Desenhos de F. Martins.

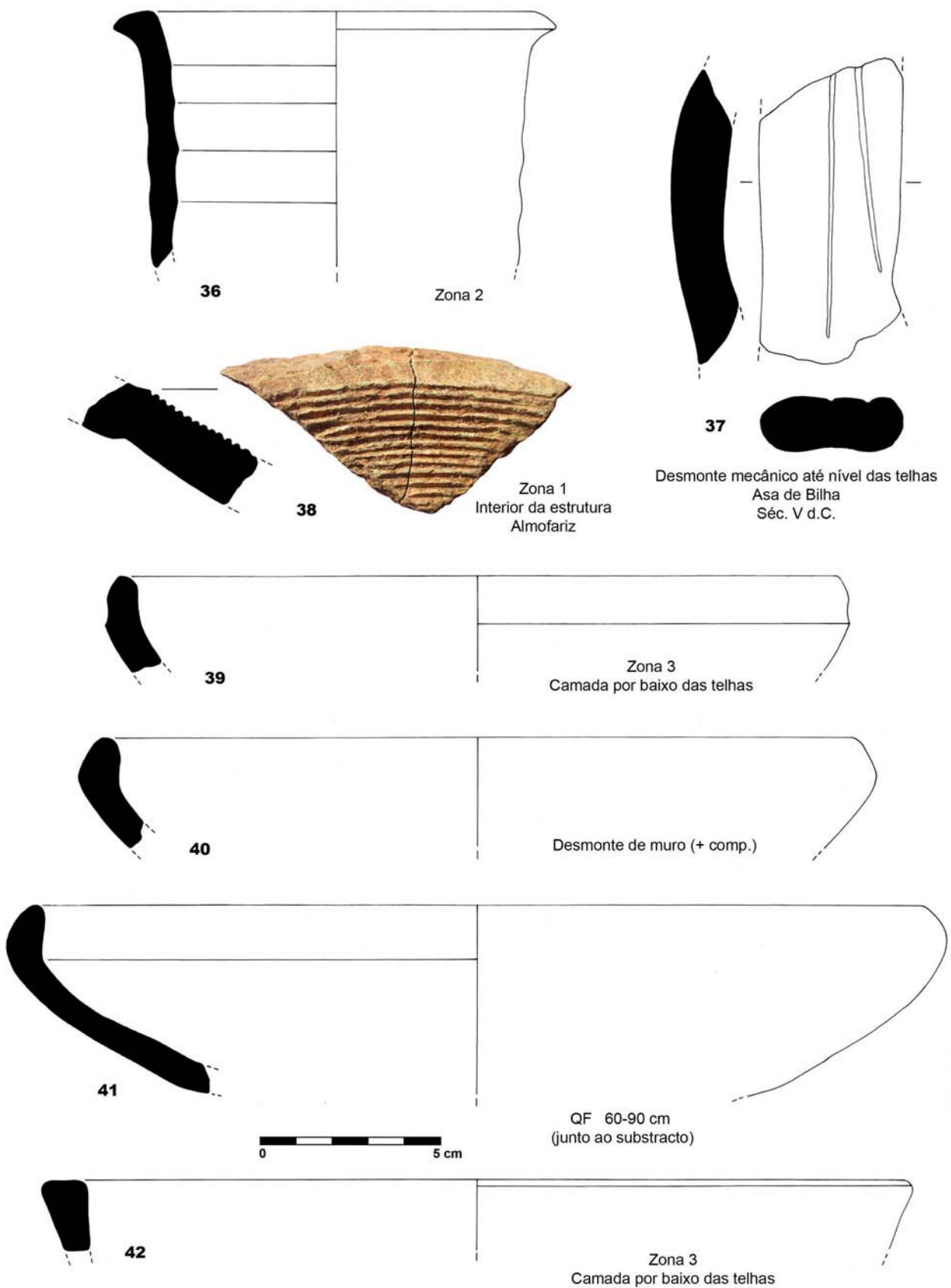


Fig. 28 - Rua Marquês de Pombal, Oeiras. Desenhos de F. Martins.

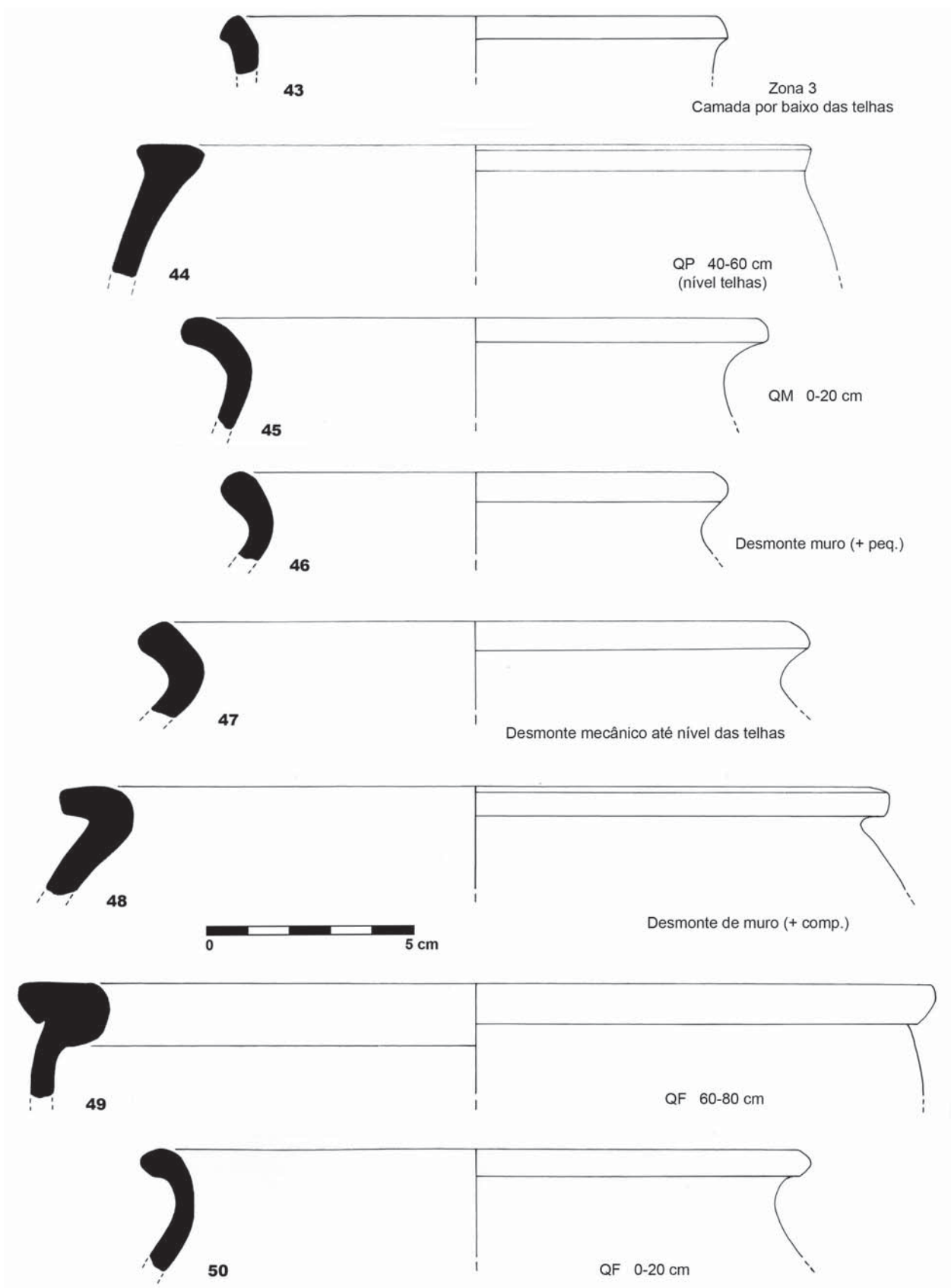


Fig. 29 - Rua Marquês de Pombal, Oeiras. Desenhos de F. Martins.



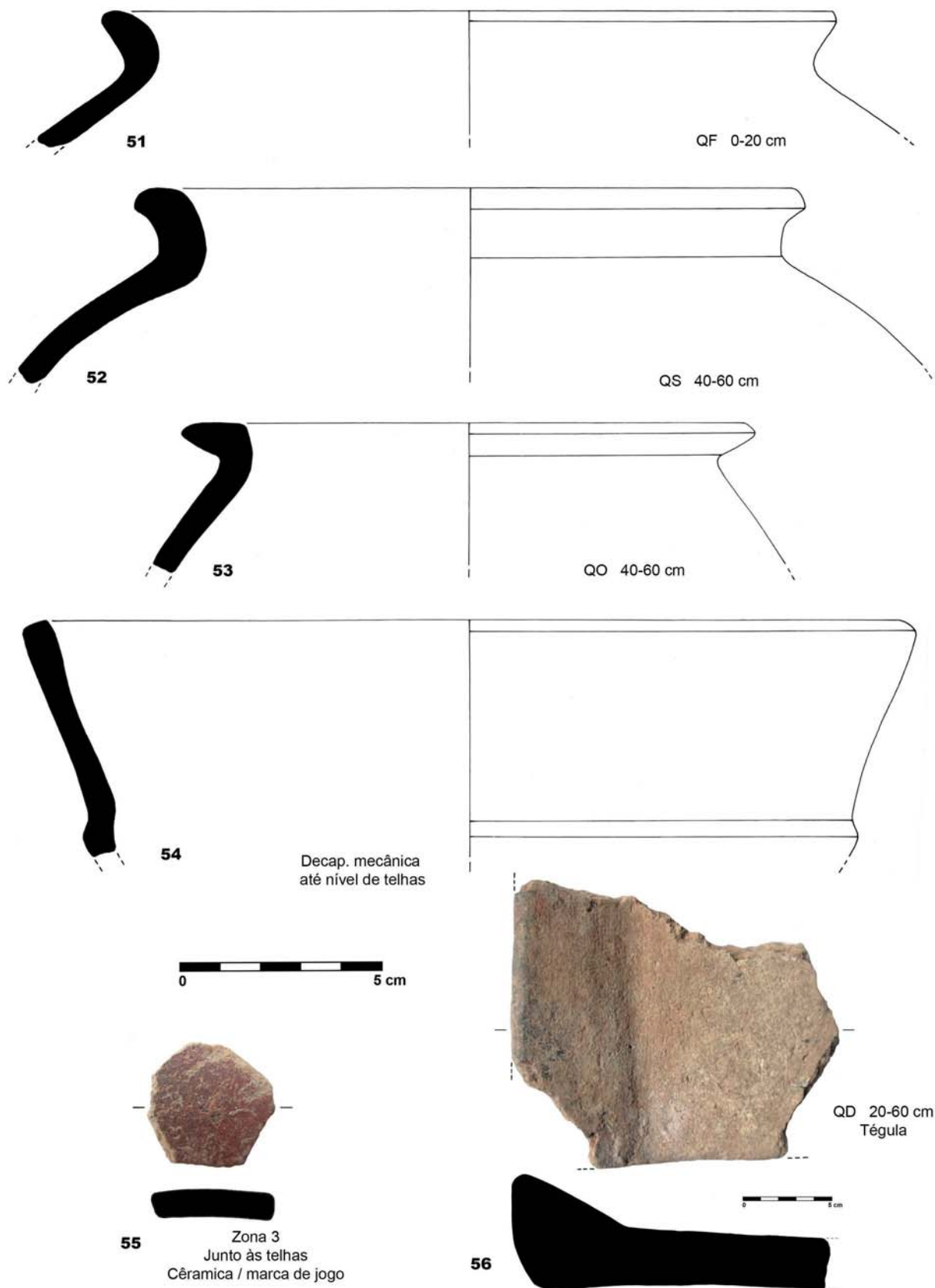


Fig. 30 – Rua Marquês de Pombal, Oeiras. Desenhos de F. Martins.

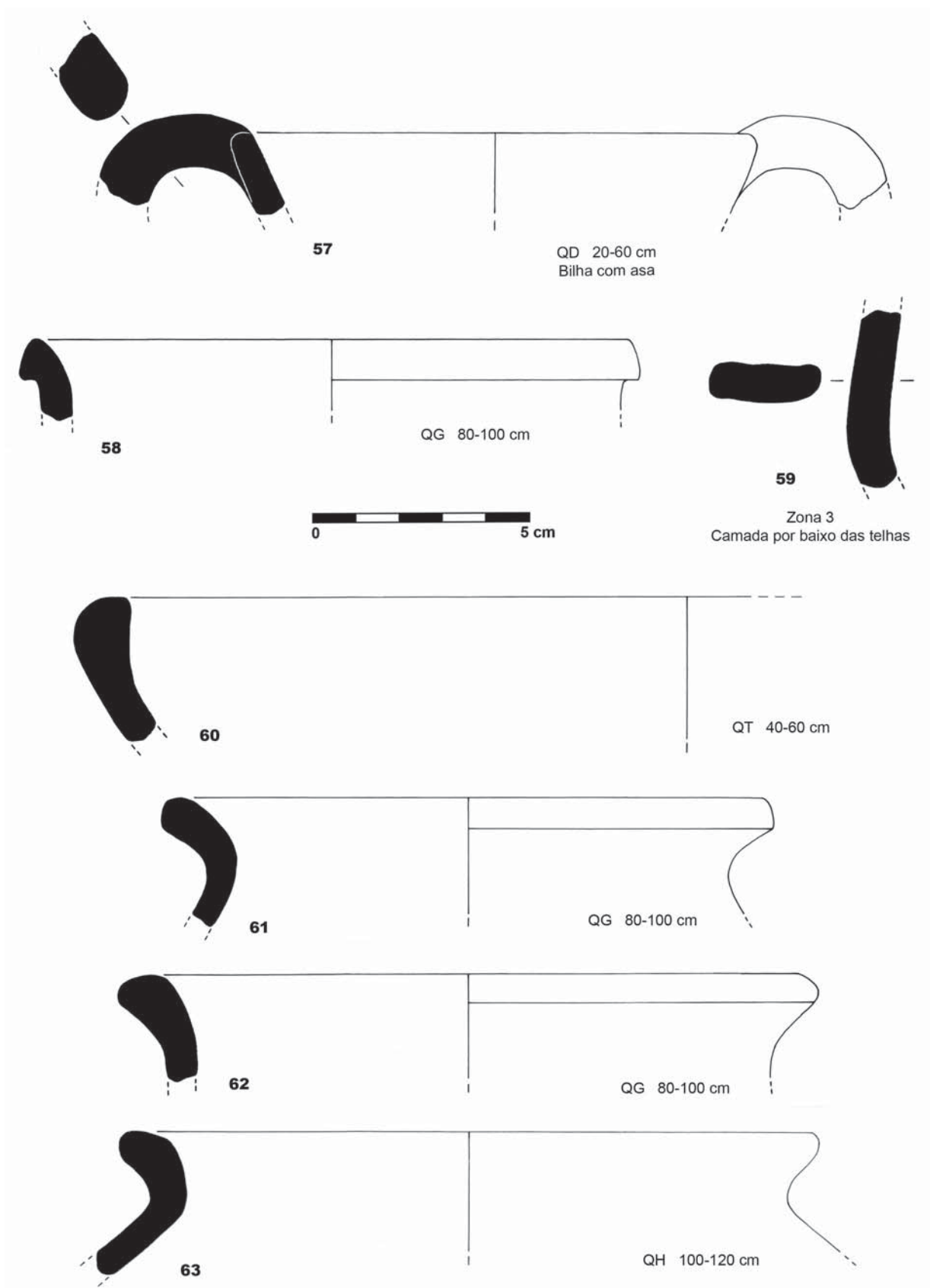


Fig. 31 - Rua Marquês de Pombal, Oeiras. Desenhos de F. Martins.

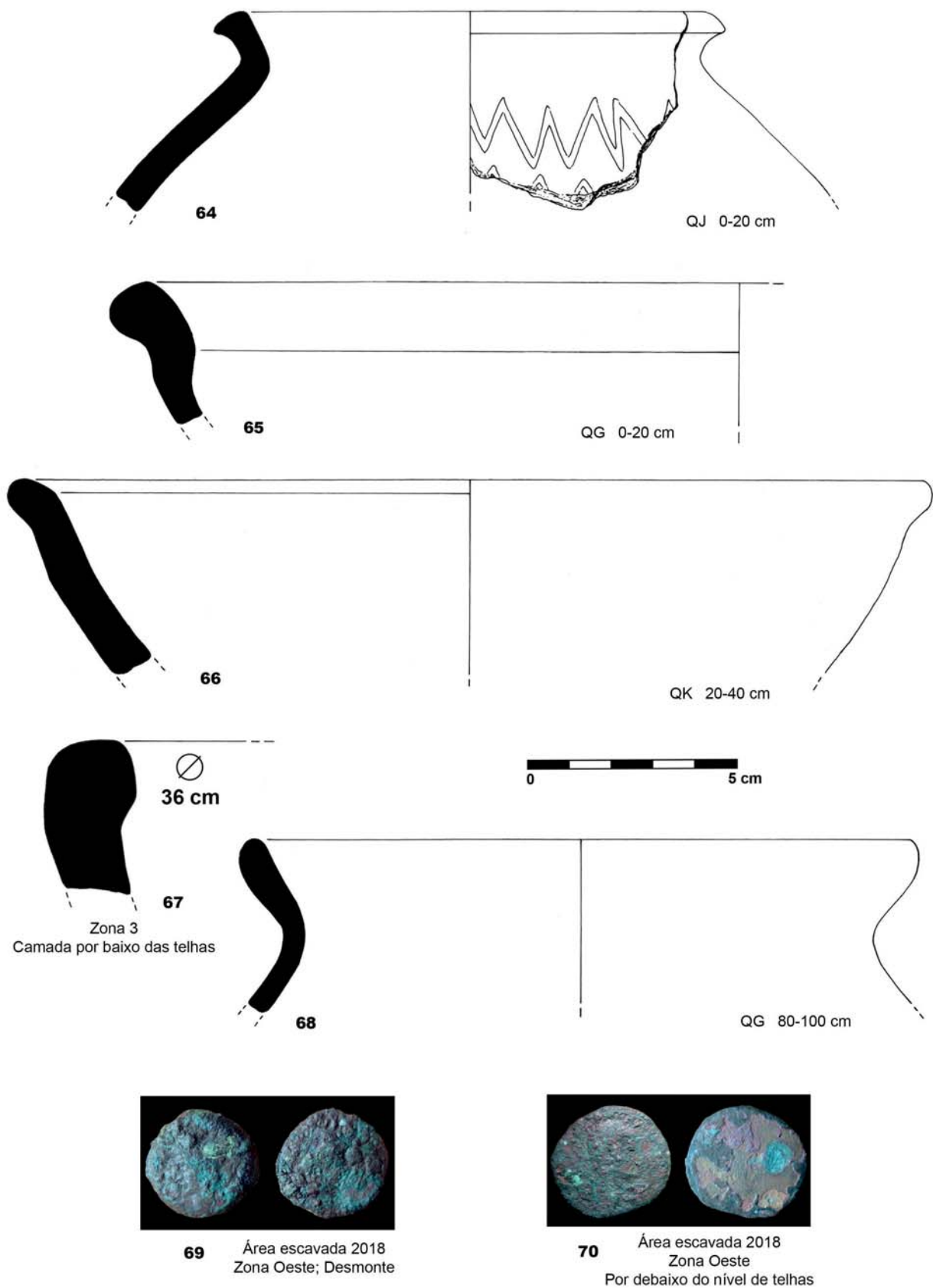


Fig. 32 - Rua Marquês de Pombal, Oeiras. Desenhos de F. Martins.



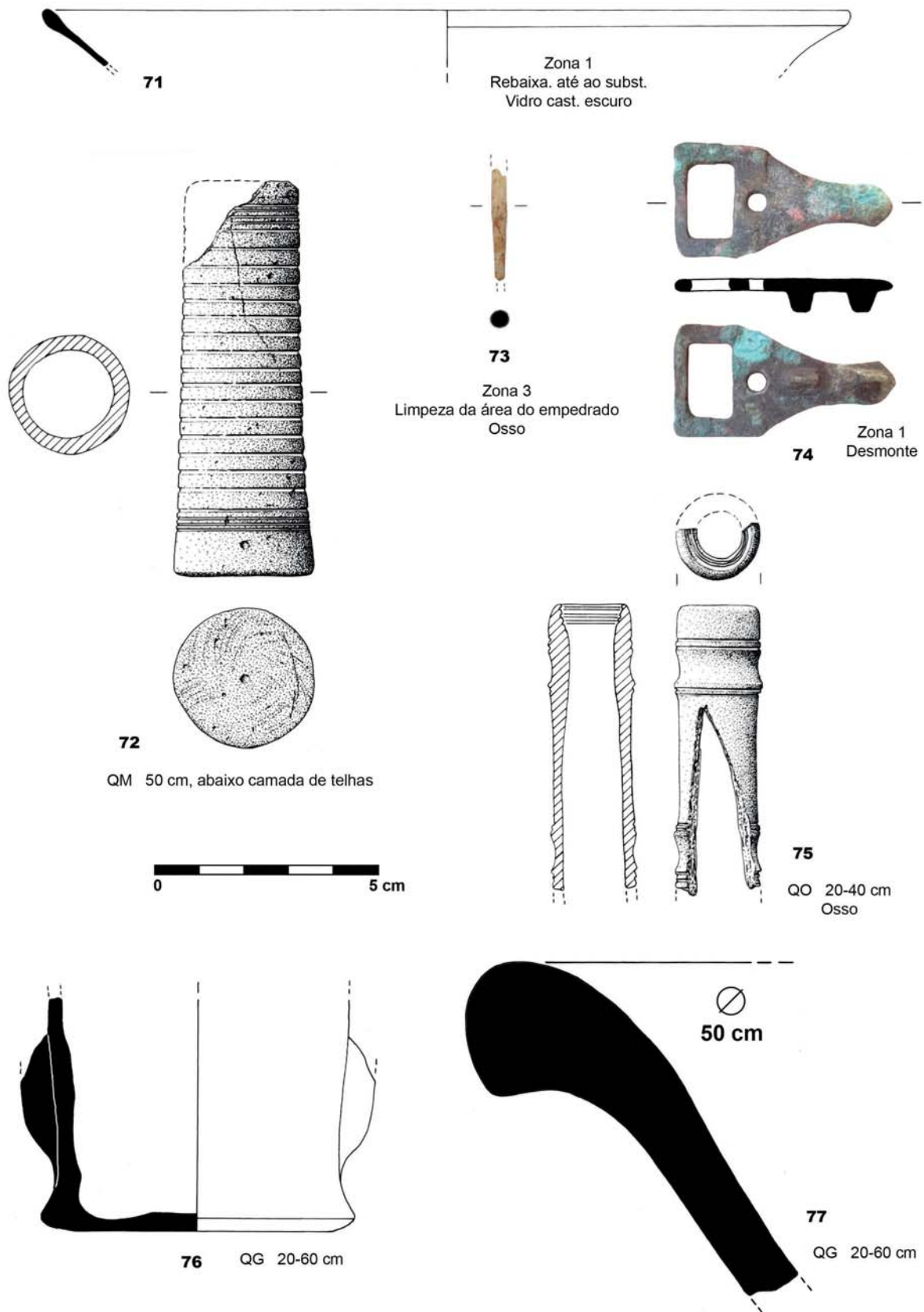


Fig. 33 - Rua Marquês de Pombal, Oeiras. Desenhos de F. Martins.

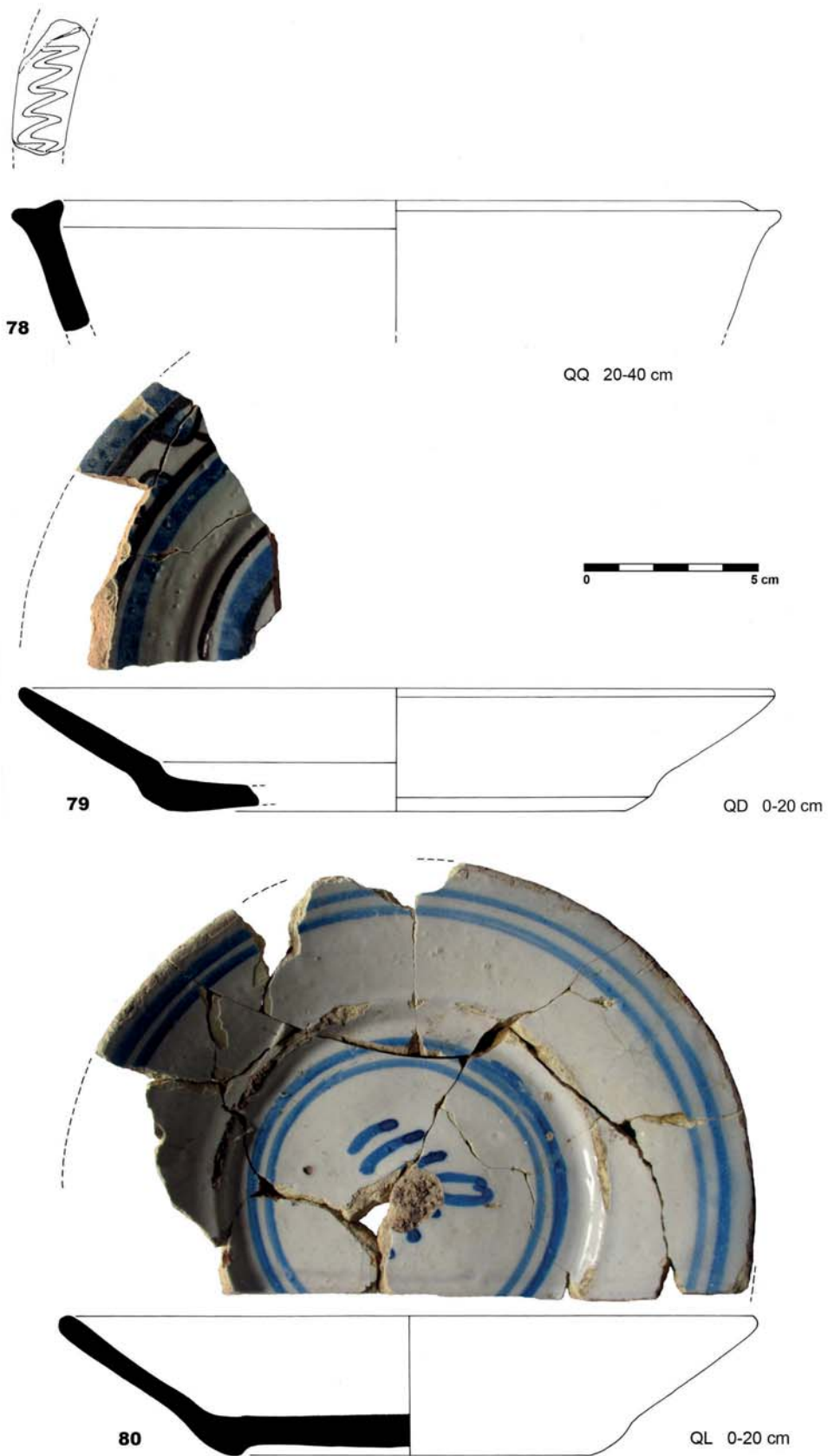


Fig. 34 - Rua Marquês de Pombal, Oeiras. Desenhos de F. Martins.

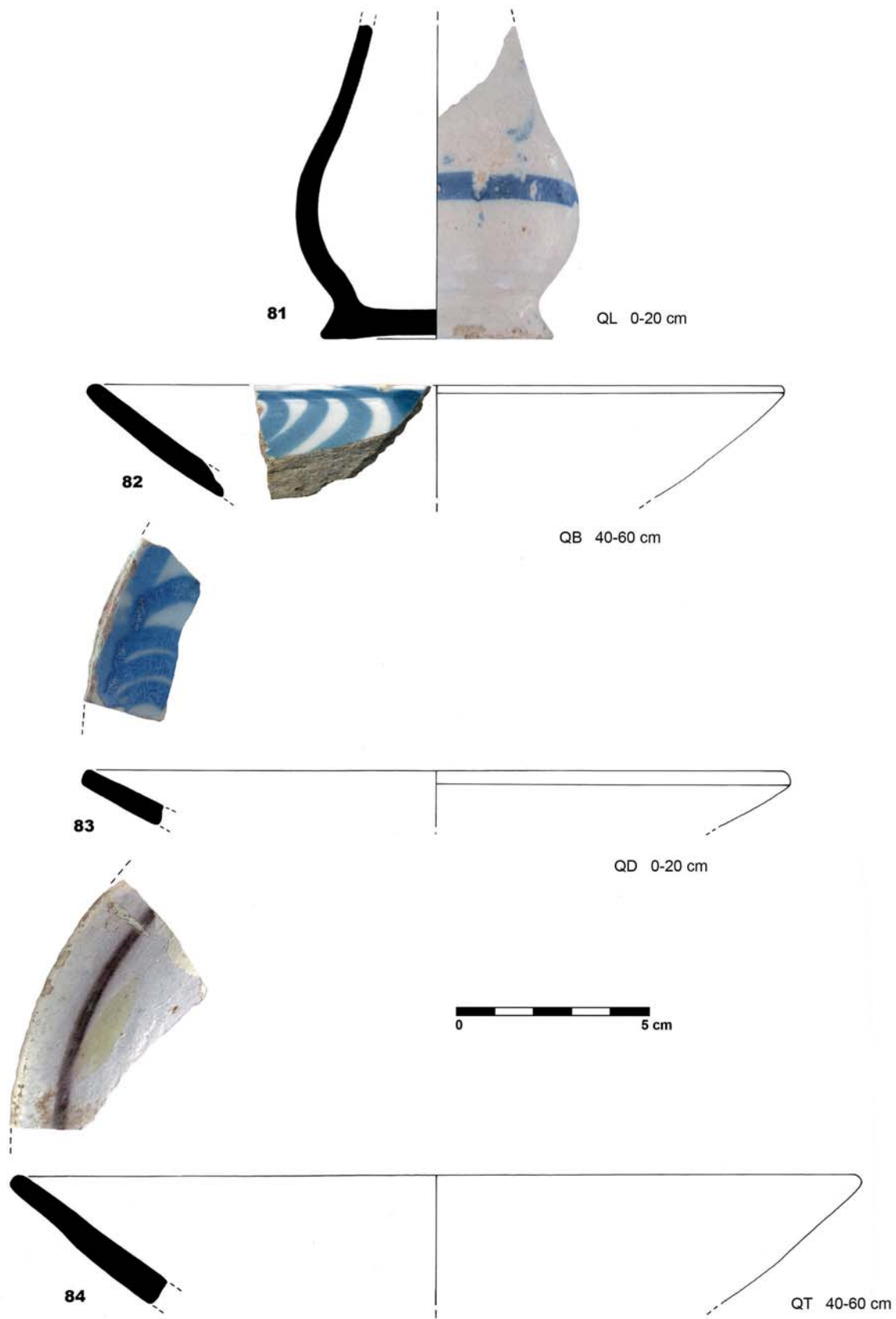


Fig. 35 - Rua Marquês de Pombal, Oeiras. Desenhos de F. Martins.



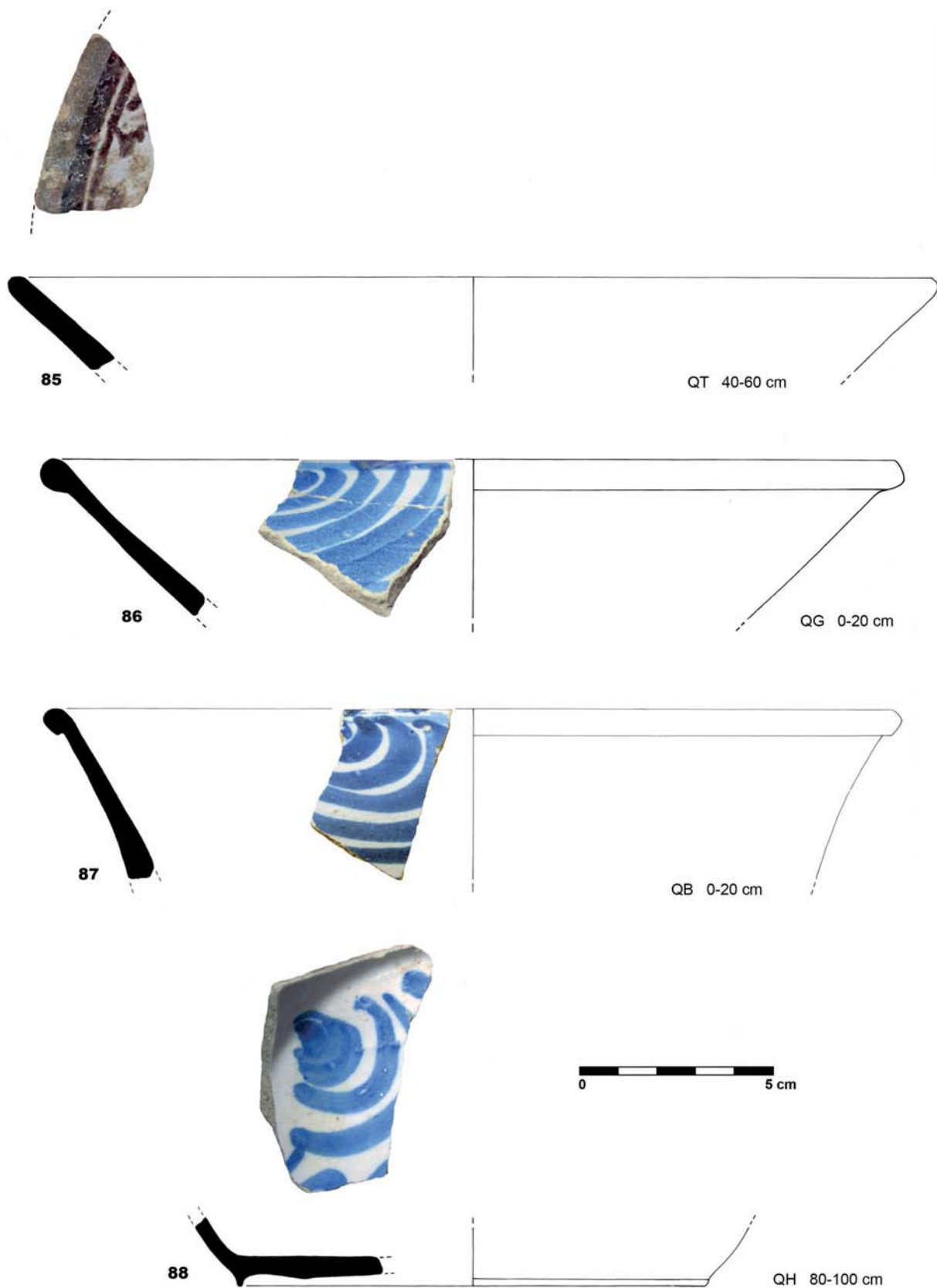


Fig. 36 - Rua Marquês de Pombal, Oeiras. Desenhos de F. Martins.

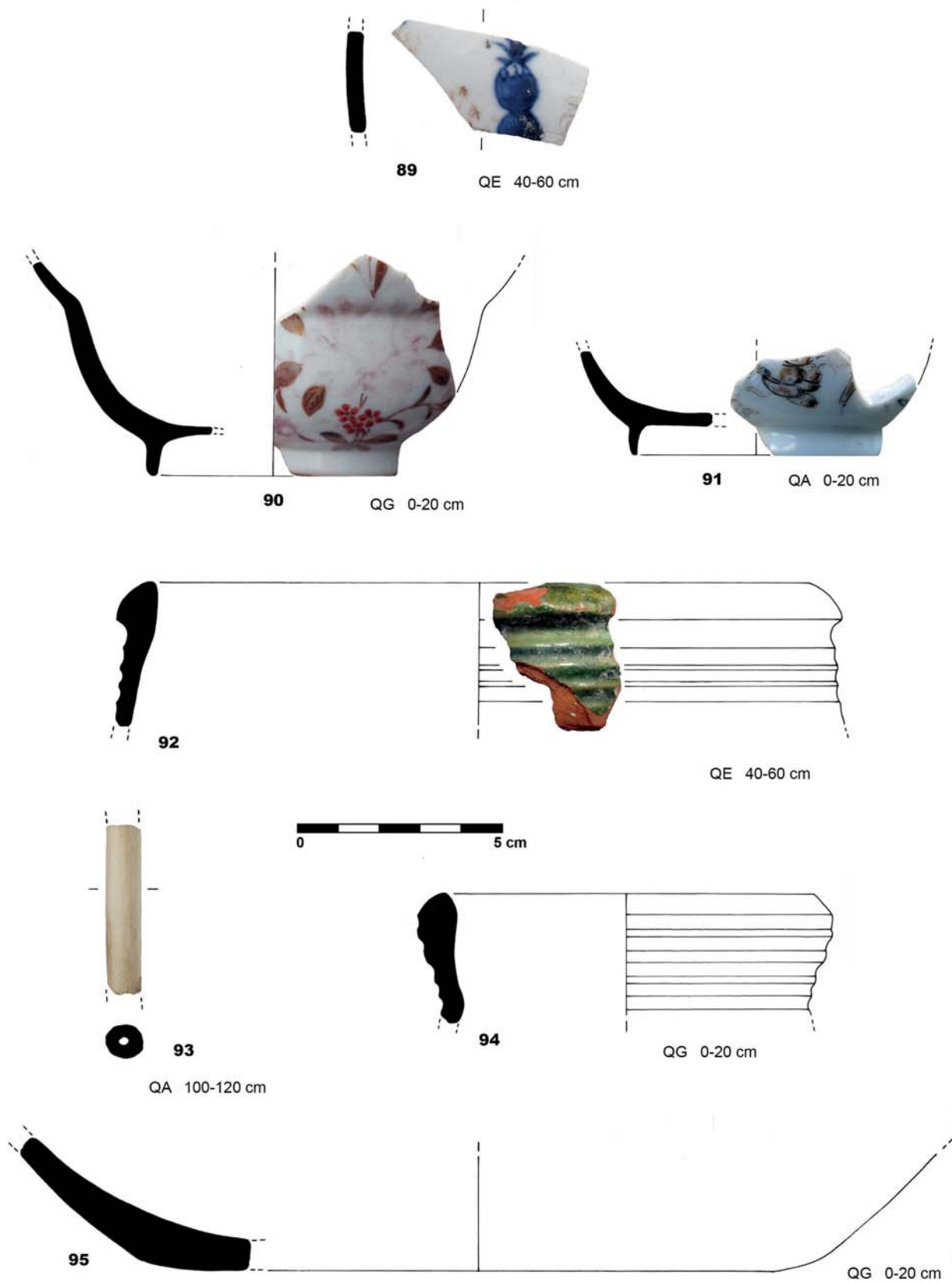


Fig. 37 - Rua Marquês de Pombal, Oeiras. Desenhos de F. Martins.

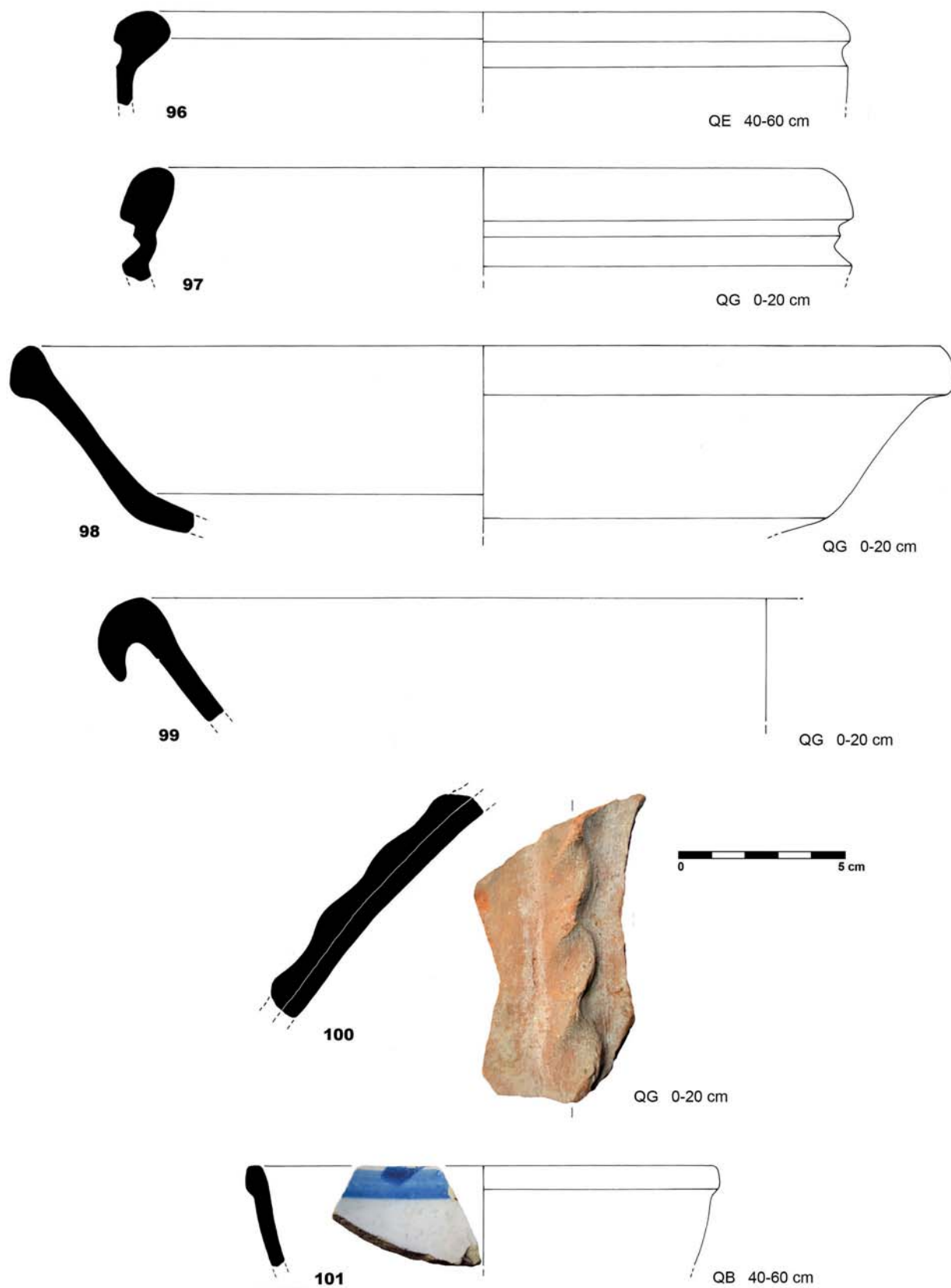


Fig. 38 – Rua Marquês de Pombal, Oeiras. Desenhos de F. Martins.



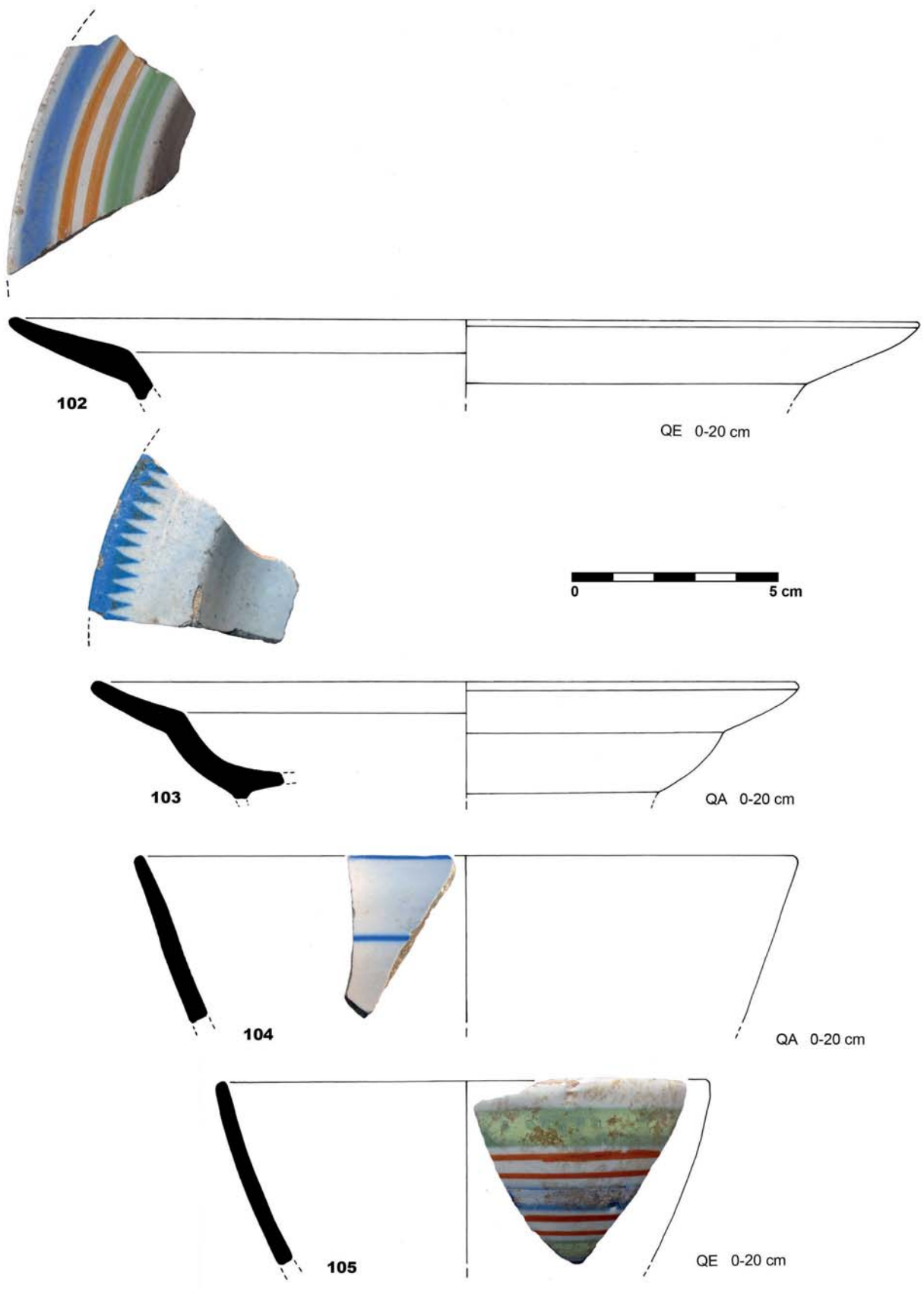


Fig. 39 - Rua Marquês de Pombal, Oeiras. Desenhos de F. Martins.

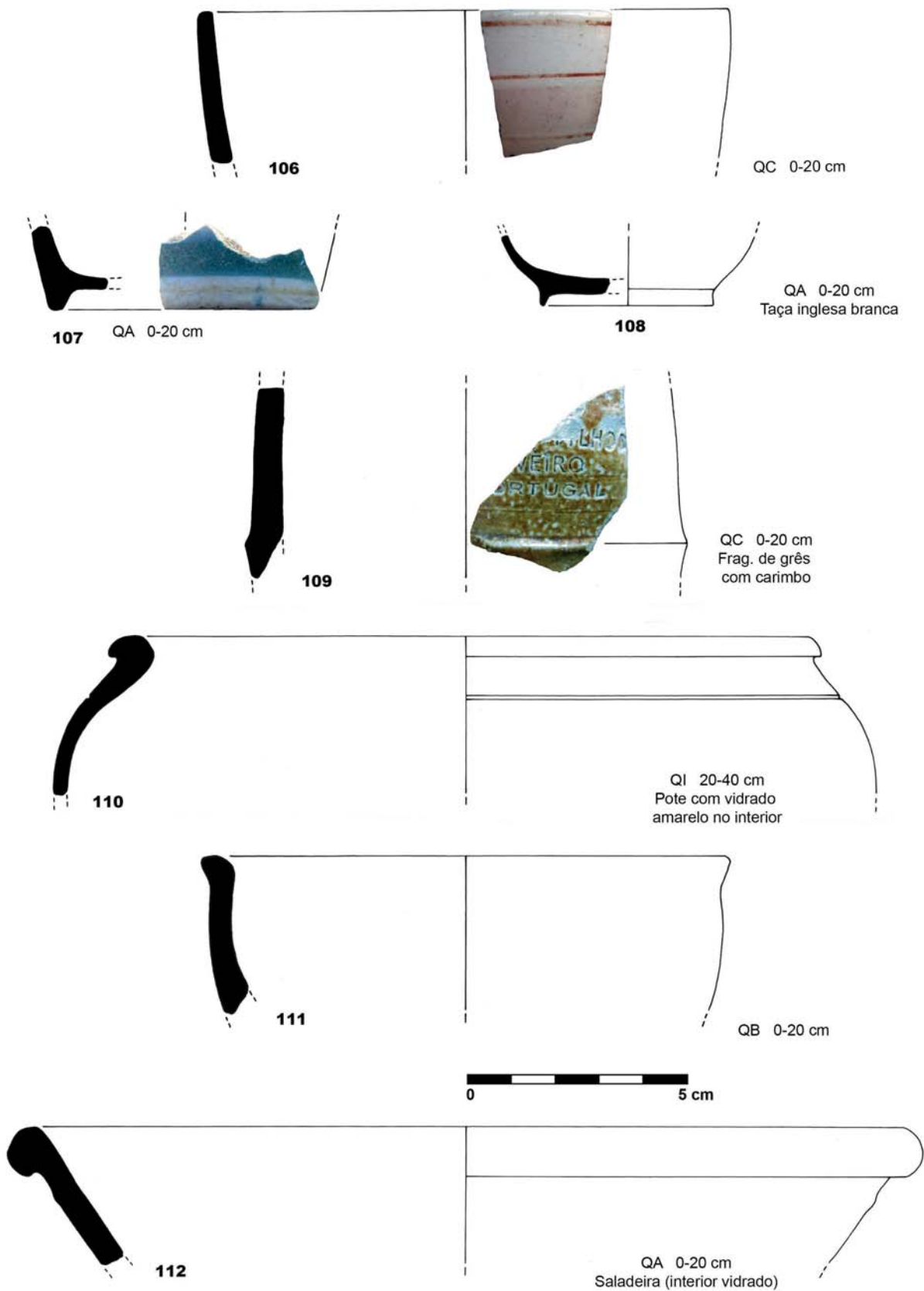


Fig. 40 – Rua Marquês de Pombal, Oeiras. Desenhos de F. Martins.

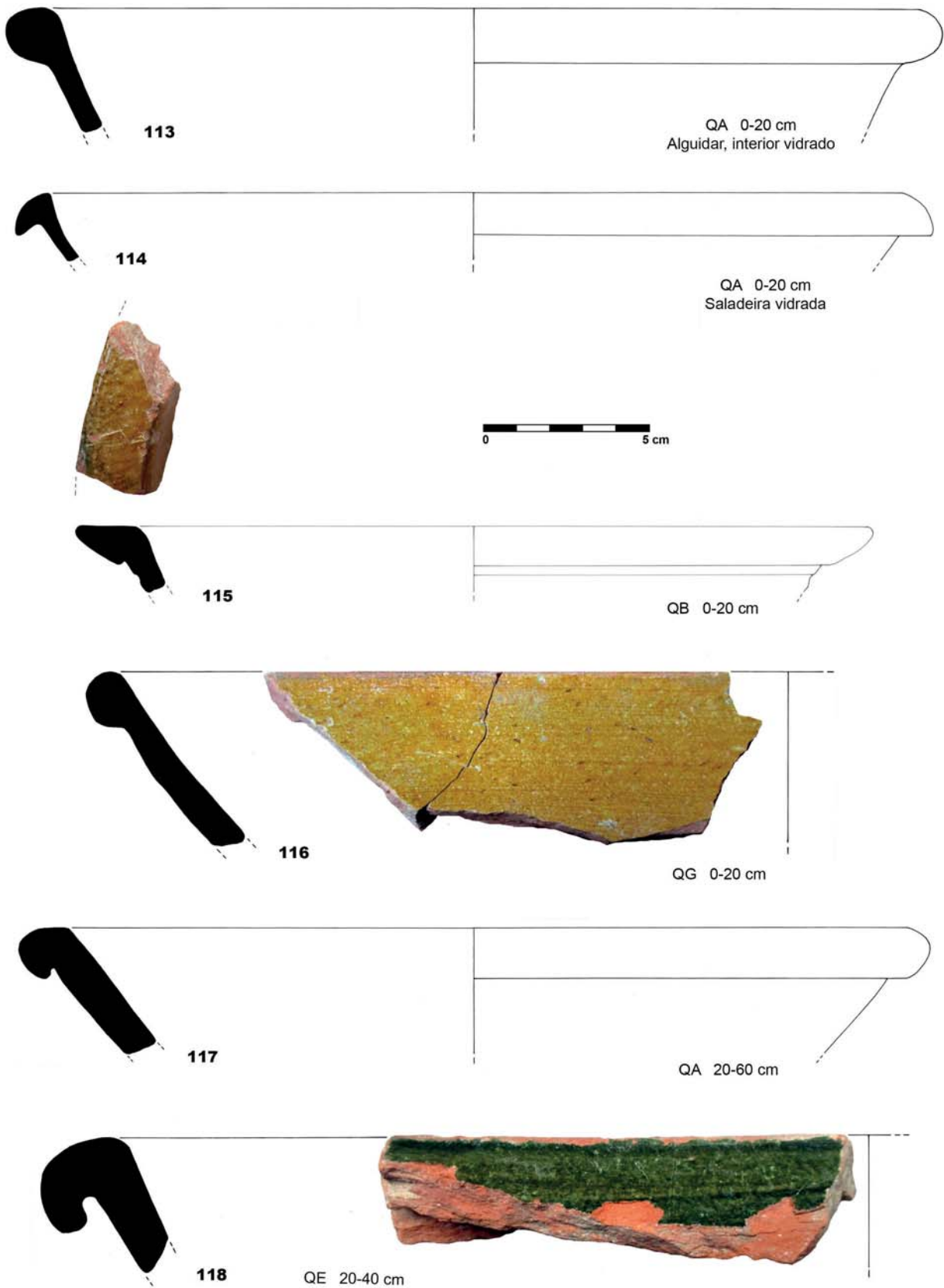


Fig. 41 - Rua Marquês de Pombal, Oeiras. Desenhos de F. Martins.

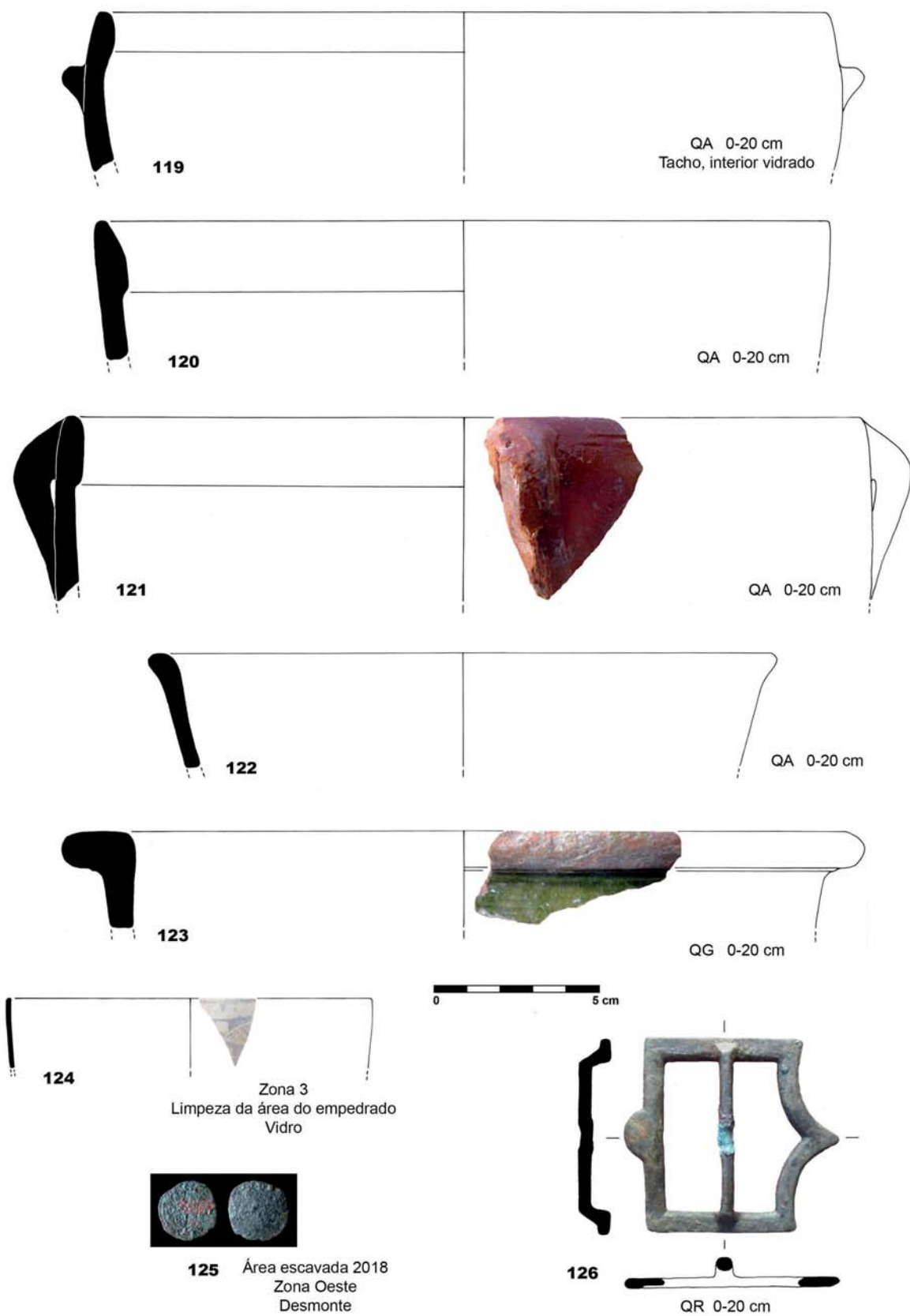


Fig. 42 - Rua Marquês de Pombal, Oeiras. Desenhos de F. Martins.



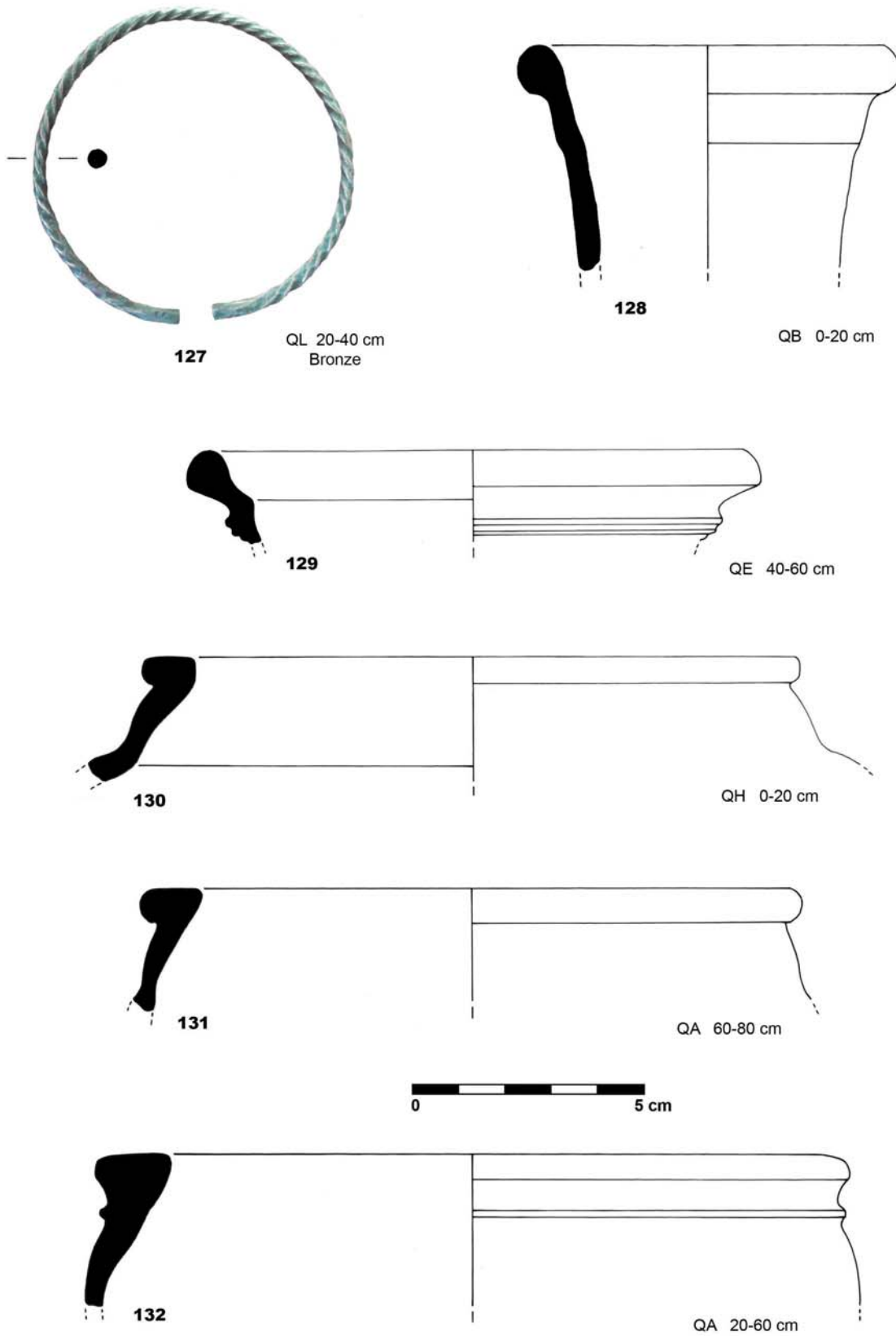


Fig. 43 – Rua Marquês de Pombal, Oeiras. Desenhos de F. Martins.

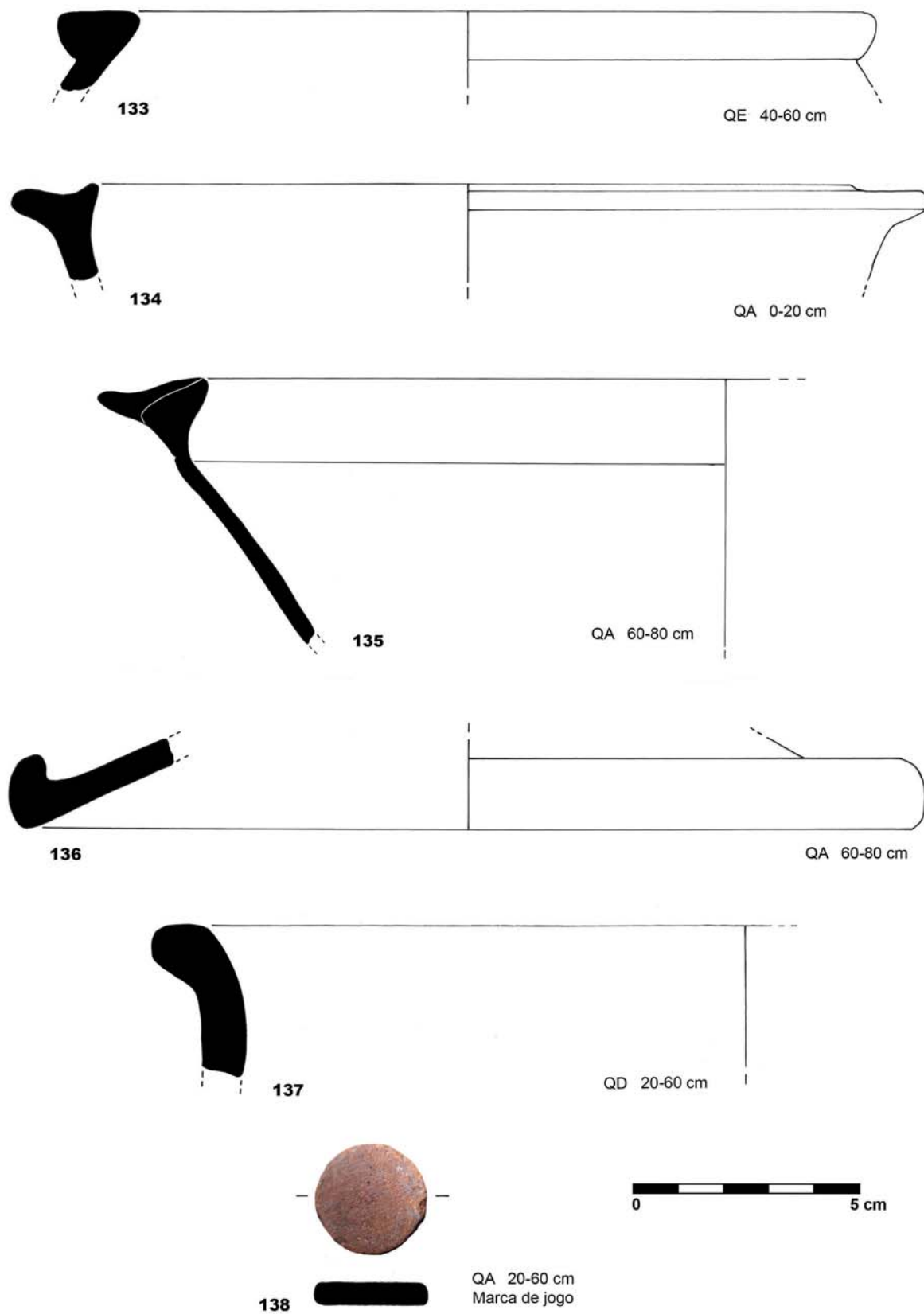
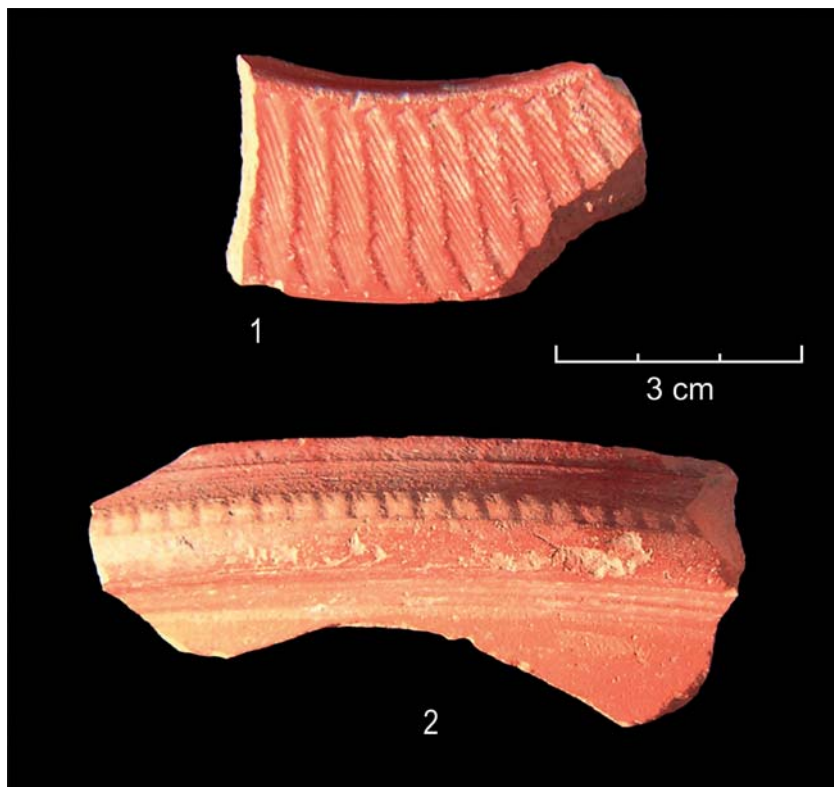


Fig. 44 - Rua Marquês de Pombal, Oeiras. Desenhos de F. Martins.



**Fig. 45** – Rua Marquês de Pombal, Oeiras. Cabo de marfim torneado de sombrinha recolhido no contexto mais antigo de época tardo-republicana/ alto imperial. Desenho e foto de F. Martins.



**Fig. 46** – Rua Marquês de Pombal, Oeiras. Cerâmicas finas tardo-romanas e da Antiguidade Tardia. 1 – fragmento de bordo de taça de *terra sigillata* africana clara D, do tipo Hayes 96 (n.º 19 do Inventário); 2 – fragmento de bordo, tipo Hayes 3, variante F, de cerâmica focense (n.º 22 do Inventário). Foto de J. L. Cardoso.



Fig. 47 – Rua Marquês de Pombal, Oeiras. Torre de roca islâmica, de osso longo torneado. Séculos XII/XIII. Foto de B. Ferreira.



Fig. 48 – Rua Marquês de Pombal, Oeiras. 1 – Meio-real preto de D. Duarte (1433-1438); 2 – Pequeno Bronze (Ae 4) do Imperador Constante, cunhagem pré-reforma entre 337 e 346. Fotos de J. L. Cardoso.



#### 4 - DISCUSSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS

As intervenções arqueológicas realizadas em 2017 e 2018 na Rua Marquês de Pombal, no centro histórico de Oeiras permitiram identificar sucessivas ocupações humanas, apesar da exiguidade do espaço investigado, as quais foi possível correlacionar com quatro fases construtivas principais, todas elas correspondentes a estruturas habitacionais, situadas entre os finais do século I a.C., e o final do século XVIII, associadas a materiais coevos e a outros, mais modernos, que documentam o prolongamento da ocupação habitacional do local até ao século XX, a par da constituição de uma zona de despejos domésticos no século XIX, que explica a abundância de alguns espólios estudados daquela época.

Na estratigrafia identificada assume destaque, pela sua importância, o nível de *imbrices* observado na área interior e exterior da habitação romana identificada resultante do abatimento de um telhado e de um provável alpendre a ela associado; o piso de ambos estes espaços encontrava-se calcetado por blocos de calcário de diversas dimensões, pelo que são apenas vestigiais os espólios romanos correspondentes à primeira fase da ocupação, reportáveis ao final do período republicano e alto imperial, recolhidos em fina camada arqueológica, a única ainda integralmente conservada, bem como nos interstícios dos blocos do referido piso. Este, pelas suas características, encontra paralelo na *villa* romana da Columbeira (Bombarral), tendo um de nós (F.M.) contribuído para a sua identificação, em 1997 e 1998 sob orientação do arqueólogo da Câmara Municipal do Bombarral, João Ludgero Marques Gonçalves. Também identificado por baixo de um derrube de telhas, este tipo de pavimento a par de outro de fundo argiloso, foi atribuído a ocupação de época Tibério-Cláudio, com pervivências até finais do século V, de acordo com os resultados do estudo dos materiais recuperados (CARDOSO, SEPÚLVEDA, RODRIGUES, RIBEIRO & BATALHA, 2016).

Tendo presente o desenvolvimento dos muros rectilíneos no terreno, foi possível admitir a sua correspondência a uma casa de planta sub-rectangular dividida interiormente em dois compartimentos por um muro menos robusto, incorporando por vezes blocos calcários de assinaláveis dimensões e evidenciando boa qualidade construtiva. A *domus* assim definida afigura-se muito semelhante à identificada no estabelecimento romano de Leião, tanto na planta como no sistema construtivo dos muros que a integram, a qual foi sujeita, tal como provavelmente se verificou nesta, a destruição súbita e generalizada, em meados do século I d.C., responsável pelo abatimento da cobertura de *imbrices* (CARDOSO, SILVA, MARTINS & ANDRÉ, 2010/2011).

Com efeito, também o edifício agora em apreço se encontrava coberto por telhado constituído por grandes *imbrices*; o tamanho, espessura e formato destes elementos são muito semelhantes nos dois casos, reforçando época de construção idêntica, integrável no período augustano. O abatimento desta cobertura deu origem, em ambas as estações, a nível compacto e contínuo, que selou o solo da habitação e o da área exterior a ela circunvizinha, correspondente a telheiro.

Não é possível determinar a relação desta unidade habitacional com a *pars urbana* da *villa* romana localizada a cerca de 250 m de distância, igualmente no Centro Histórico de Oeiras; poderia tratar-se de dependência da mesma, situada na sua *pars rustica* ou *fructuaria*. No entanto, no decurso das intervenções de 2017 e 2018 foi intuída a existência de uma importante via de circulação lajeada, coincidindo o seu traçado com o da actual Rua Marquês de Pombal, pelo que a estrutura doméstica agora identificada poderá relacionar-se igualmente com este antigo eixo viário, situando-se imediatamente adjacente ao mesmo.

Prova do nível económico das populações que habitavam esta estrutura, é a ocorrência de um raro cabo de sombrinha, de marfim torneado, exemplar único nos registos peninsulares de época romana.

Ao efectuar o desmonte do empedrado e das estruturas romanas com ele conectadas, em 2018 (Fig. 14, 15 e 16) foram recolhidos materiais arqueológicos com a cronologia mais recuada de entre a totalidade dos identificados, como seria de esperar: um conjunto datado da Idade do Bronze: n.º 2 e 3 (elementos de foice); um fragmento de prato da Idade do Ferro: n.º 8; e um conjunto datado da época romana, do qual se destacam os seguintes materiais arqueológicos:

- um bico fundeiro de ânfora do tipo Haltern 70 (n.º 25), produção da Bética. Transportava habitualmente *defrutum*, e circulou entre os finais do século I a.C. a meados do século I d.C.;
- um fragmento de asa com uma canelura externa, característica do tipo Dressel 14 (n.º 26), produção do Tejo, da segunda metade do século I a finais do século II.

Este nível integrava ainda duas moedas de época recuada, um asse de cunhagem hispânica, do tempo de Augusto, e um outro asse inclassificável, provável cunhagem imperial.

A ocorrência de outros materiais mais modernos, recolhidos aquando do desmonte deste empedrado e das estruturas com ele associadas, em 2018, nos interstícios dos blocos calcários que o constituía, explicam-se pela intrusão devida à gravidade e ao próprio pisoteio por parte das populações que continuaram a ocupar aquele espaço doméstico. É o caso dos seguintes materiais:

- um fragmento de boca de ânfora com arranque de asa, do tipo Almagro 51c.C., produção do Tejo/ Sado (n.º 28). É uma forma que aparece habitualmente em contextos dos finais do século IV a meados do V (CARDOSO, 2009 a, 69);
- dois fragmentos de pratos de bordo reentrante (n.º 40 e 41), destes, o primeiro durante o desmonte do muro e o segundo em QF, a 60-90 cm, junto ao substrato rochoso, datáveis de entre o século II e a 1ª metade do IV (NOLEN, 1985, p. 85);
- um fragmento de panela de bordo em S no desmonte do muro mais pequeno (n.º 46);
- um bordo de aba rectangular, pequeno (n.º 48), recolhido no muro mais longo, que datamos entre o século IV e os inícios do V;

Conectável com o conjunto arqueológico recolhido no decurso do desmonte do empedrado é o correspondente aos depósitos que se situavam por cima deste e debaixo do nível de *imbrices*, alguns da Idade do Ferro: n.º 6, 7, 9, 10, 11, 12, 13, 14 e 15; e outro já de época romana: n.º 16, 21, 29, 31, 32, 33, 39, 42, 43, 44, 59, 67, 70 e 72.

Os espólios da Idade do Ferro teriam convivido com as produções romanas mais antigas, tal qual o verificado no estabelecimento rural de Leião (CARDOSO *et al.*, 2009) configurando uma evidente continuidade dos materiais em uso na região aquando da chegada dos primeiros influxos itálicos verificados aqui na época de Augusto (CARDOSO & ANDRÉ, 2020).

A maioria destes materiais foi recolhida no exterior da habitação (Zona 3) sendo os mais tardios os de época tardo-romana, situável entre os séculos III e V d.C., do qual se destacam:

- um fragmento de cerâmica fina, fundo de prato, decorado, possivelmente tipo Hayes 87 (?), de *terra sigillata* africana D (n.º 21), provavelmente da segunda metade do século V;
- um fragmento de asa de ânfora Almagro 51c, que se pode datar entre o século III e os meados do IV (n.º 29);
- um fragmento de bordo de prato, de lábio com ressalto (n.º 39), datável de entre o século II e a 1ª metade do IV;

– dois pequenos fragmentos de taças (n.º 42 e 43). A primeira (n.º 42), da qual temos paralelos em Freiria, entre os finais do século IV inícios do V (CARDOSO, 2018, p. 334, Fig. 258, n.º 1).

Uma vez mais, estes espólios afiguram-se intrusivos nas camadas mais antigas, em resultado sobretudo da própria acção antrópica, especialmente evidente nos locais onde se não conservou a camada de *imbrices* que serviu como referência estratigráfica importante.

Deste modo, com base na tipologia dos materiais arqueológicos exumados, verifica-se que a utilização doméstica do espaço em causa prosseguiu no decurso de um longo período de tempo, que se prolongou mesmo até a Antiguidade Tardia e a época visigótica, ou seja até o século VIII, altura em que se observa a reutilização das estruturas romanas construídas séculos antes, acumulando-se agora os respectivos testemunhos sobre o nível de *imbrices* formado pelo colapso do telhado da habitação verificado nos séculos I ou II d.C.

É também em tais remeximentos que se observa, por certo em continuidade com as produções visigóticas e com estes misturados, a presença de escassos materiais islâmicos que encontram paralelo próximo no conjunto, mais abundante, reconhecido na rua das Alcássimas, com evidências de uma presença precoce, mas que se prolongou insensivelmente até à época da “Reconquista”, conforme indicam os espólios dos séculos XII/XIII ali exumados (FERNANDES, CARDOSO & ANDRÉ, 2009). Tal é, também, a cronologia de uma torre de roca agora aqui exumada, destacando-se os paralelos da mesma época conhecidos em Mértola (MACIAS, 1996).

A ocupação do local prosseguiu pela Baixa Idade Média, como atesta uma moeda de D. Duarte, acompanhada de algumas raras produções cerâmicas atribuíveis a essa época, em continuidade com o século XVI. À Época Moderna reporta-se uma estrutura habitacional, a par de um conjunto diversificado de espólios, que atestam a importância do aglomerado urbano naquela época, e a qualidade de alguns dos seus habitantes. Tal realidade acentua-se no século XVIII, com o engrandecimento da vila, de que é exemplo, ainda no final da primeira metade do referido século, a Igreja Matriz de Oeiras, antecedendo a expansão urbanística. É nesta dinâmica, que se projectou ao longo de todo o século seguinte, que se integra a construção do edifício agora objecto de recuperação, o qual denuncia remodelações sucessivas, que deram origem a um espaço a céu aberto que funcionou como montureira, assim se explicando a abundância de espólios domésticos do século XIX, de mistura com alguns dos materiais mais antigos acima referidos.

Em conclusão, os materiais exumados nesta intervenção arqueológica constituem assinalável mais-valia para o conhecimento da evolução de um espaço urbano, cuja história já de si relevante quanto ao património edificado, nos conduz a uma viagem por várias épocas, tão ricas de informação quanto àquela em que o prestígio de Oeiras ficou definitivamente associado à figura icónica do Marquês de Pombal, constituindo deste modo, exemplo acabado, nos tempos presentes, da importância da prática arqueológica.

## AGRADECIMENTOS

Ao Sr. Ten. Cor. Eng. Francisco Mendes Magro, pela colaboração na identificação e classificação dos numismas recolhidos.

## REFERÊNCIAS

- BARROS, L. & CARDOSO, G. (2008) – Cerâmicas manuais dos séculos XVI a XVIII de Almada, Cadaval e Cascais. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. Vol. 11, n.º 2, p. 347-360.
- BARROS, L.; BATALHA, L.; CARDOSO, G. & GONZALEZ (2012) – A Olaria Renascentista de Santo António da Charneca – A louça Doméstica. In TEIXEIRA, A. & BETTENCOURT, J. (eds), *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna*. Lisboa: Centro de História de Além-Mar da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e Universidade dos Açores, vol. 2, p. 699-710.
- BARROSO CABRERA, R., MORÍN DE PABLOS, J. & LÓPEZ QUIROGA, J. (2010) – La presencia “bárbara” en Hispania en las necrópolis del siglo V. in MORÍN DE PABLOS, J., LÓPEZ QUIROGA, J. & MARTÍNEZ TEJERA, A. (eds), *El tiempo de los “Barbaros”. Pervivencias y Transformación en Galia e Hispania (SS. V-VI d. C.)*. Zona Arqueológica, Museo.
- BATALHA, L. & CARDOSO, G. (2013) – Um Poço Seiscentista no Vale de Alcântara (Santa Isabel, Lisboa). *EMERITA – Estudos de Arqueologia e Património Cultural*. Lisboa. 1, p. 113-140.
- BATALHA, L., CARDOSO, G. & MONTEIRO, M. (2009) – A villa romana da Sub-Serra da Castanheira do Ribatejo: do Romano ao medieval Islâmico. In BATALHA, L.; JCANINAS, J. C.; CARDOSO, G. & MONTEIRO, M. (Coord.) *A villa Romana da Sub-Serra da Castanheira do Ribatejo (Vila Franca de Xira)*. *Trabalhos Arqueológicos Efectuados no Âmbito de uma obra da EPAL*. Lisboa: EPAL, p. 11-26.
- BATALHA, L.; CAMPÔA, A.; CARDOSO, G.; NETO, N.; REBELO, P. & SANTOS, R. (2012) – Vestígios de um centro produtor de faiança dos séculos XVII e XVIII. Dados de uma intervenção arqueológica na Rua de Buenos Aires, nº 10. In Teixeira, A.; Bettencourt, J. (eds), *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna*. Lisboa: Centro de História de Além-Mar da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e Universidade dos Açores, vol. 2, p. 951-962.
- BATALHA, L.; CARDOSO, G.; NETO, N.; REBELO, P. & SANTOS, R. (2016) – Portuguese Faience found at 10 Buenos Aires Street Pits – Lisboa (17th-18th centuries). *Proceedings of the International Conference of Portuguese Faience (16th – 19th centuries)*. Lisboa: Instituto de Arqueologia e Paleociências – IAP, Universidade Nova de Lisboa, p. 27-38.
- BATALHA, L.; NETO, N.; PEÇA, P.; BRITO, S. & CARDOSO, G. (2017) – Os Silos do Palácio de Santa Helena (Lisboa). In ARNAUD, J. M. & MARTINS A. (Coord.). *Arqueologia em Portugal 2017 – Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 1751-1766.
- BATALHA, L.; PEREIRA, S. & BARROS, L. (2008) – Espólio dos Séculos XIV – XV: Silo 12 da rua da Judiaria - Almada. *Anais de Almada*. Almada. 9-10, p. 35-93.
- BUSTAMANTE - ÁLVAREZ, M. (2012) – Las cerámicas comunes altoimperiales de *Augusta Emerita*. In BERNAL, B. & RIBERA, A. (Eds.) *Cerámicas hispanorromanas II producciones regionales*. Cádiz, p. 407-433.
- CARDOSO, G. (2009) – Sondagens Arqueológicas no Convento de Nossa Senhora das Neves (Serra de Montejuento, Cadaval). *Actas do 1º Encontro de cultura e Património do Cadaval*. Cadaval: Câmara Municipal do Cadaval, p. 43-82.
- CARDOSO, G. (2009a) – Ânforas. In Batalha, L., Caninas, J. C., Cardoso, G. & Monteiro, M. (Coord.) *A villa romana da Sub-Serra de Castanheira do Ribatejo (Vila Franca de Xira)*. Lisboa, pp. 62-86. Epal – Empresa Portuguesa das Águas Livres, S. A.



- CARDOSO, G. (2018) – “Villa” romana de Freiria, *Estudo Arqueológico*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais.
- CARDOSO, G. & BATALHA, L. (2018a) – Evidências de produção oleira dos finais do século XVI a meados do século XVII no Largo de Jesus (Lisboa). *Actas do I Encontro de Arqueologia de Lisboa*. Lisboa: Centro de Arqueologia de Lisboa, p. 146-181.
- CARDOSO, G. & BATALHA, L. (2018b) – Silos de Francos e Portugueses em Vila Verde dos Francos – Alenquer. In Soares, J. (Coord.), *MUSA – Arqueologia Urbana e História Local*. Setúbal. 5, p. 101-114.
- CARDOSO, G. & ENCARNANÇA, J. d’ (2013) – O povoamento pré-romano de Freiria – Cascais. *Cira*. Vila Franca de Xira. 2, p. 133-180.
- CARDOSO, G. & RODRIGUES, S. (1991) – Alguns tipos de cerâmica dos séculos XI a XVI, encontrados em Cascais. *Cerâmica Medieval no Mediterrâneo Ocidental*. Lisboa: Campo Arqueológico de Mértola, p. 575-585.
- CARDOSO, G., SEPÚLVEDA, E., RODRIGUES, S., RIBEIRO, I. & BATALHA, L. (2016) – A villa romana da Columbeira, I Congresso de História e Património da Alta Estremadura. Ourém: CEPAE, p. 59-79.
- CARDOSO, J. L. (1996) – O final da Idade do Ferro no concelho de Oeiras: um contributo. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 6, Oeiras, p. 361-365.
- CARDOSO, J. L. (2000) – *Sítios, Pedras e Homens - Trinta Anos de Arqueologia em Oeiras*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras (Estudos Arqueológicos de Oeiras, 9).
- CARDOSO, J. L. (2011) – *Arqueologia do Concelho de Oeiras, do Paleolítico Inferior arcaico ao século XVIII*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras.
- CARDOSO, J. L. (2016/2017) – A ocupação do Bronze Final do Centro Histórico de Oeiras. Os materiais da Rua das Alcássimas. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 23, p. 531-554.
- CARDOSO, J. L. & ANDRÉ, M. C. (2020) – O povoamento romano do Concelho de Oeiras: antecedentes, economia e sociedade (século I a.C. a V d.C). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 27, p. 349-376.
- CARDOSO, J. L. & CARDOSO, G. (1994) – Carta Arqueológica do Concelho de Oeiras. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 4, p. 126.
- CARDOSO, J. L. & CARREIRA, J. R. (1996) – A necrópole tardo-romana e alto medieval de Oeiras. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 6, Oeiras, p. 407-417.
- CARDOSO, J. L. & SILVA, C. T. (2013) – O casal agrícola da Idade do Ferro de Gamelas 3 (Oeiras). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série 5 (2), p. 353-398.
- CARDOSO, J. L., CARDOSO, G. & MARTINS, F. (2018) – Oeiras na Antiguidade Tardia: alguns materiais recolhidos nas escavações arqueológicas realizadas na Rua Marquês de Pombal, 3-7 (Centro Histórico de Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 24, p. 471-482.
- CARDOSO, J. L.; ZBYSZEWSKI, G. & ANDRÉ, M. C. (1992) – O Paleolítico do Complexo Basáltico de Lisboa. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 3, p. 645.
- CARDOSO, J. L., SILVA, C. T., MARTINS, F. & ANDRÉ, C. (2010/2011) – O estabelecimento rural romano Tardo-Republicano e Alto-Imperial de Leião (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 18, Oeiras, p. 103-146.
- CARDOSO, J. L., ARRUDA, A. M., SOUSA, E. & REGO, M. (2014) – Outurela I e Outurela II, dois pequenos sítios da Idade do Ferro a norte do estuário do Tejo (Concelho de Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 21, p. 393-428.

- CARVAJAL LÓPEZ, J. (2007) – Nuevas aportaciones al estudio de la cerâmica islâmica del Cerro del Sombrerete (Madinat Ilbira, Atarfe, Granada). In MALPICA CUELLO, A. & CARVAJAL LÓPEZ, J. C. (eds.) *Estudios de cerâmica Tardorromana y Altomedieval*. Alhulia, p. 405-465.
- DIOGO, A. M. Dias & TRINDADE, L. (2001) – Intervenção Arqueológica na Rua dos Correiros, Baixa de Lisboa. As sondagens n.ºs 3, 11, 26 e 27. *Arqueologia e História*. Lisboa. 53, p. 15-33.
- FERNANDES, I. C. F., CARDOSO, J. L. & ANDRÉ, M. C. (2009) – Cerâmicas muçulmanas do Centro Histórico de Oeiras. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 17, p. 97-115.
- GOMES, M. V., CARDOSO, J. L. & ANDRÉ, M. C. (1996) – O mosaico romano de Oeiras. Estudo iconográfico, integração funcional e cronologia. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras, 6, p. 367-406.
- LUNA, I. & CARDOSO, G. (2003) – *O Poço Medieval dos Paços do Concelho Cinco Séculos de Cerâmica*. Catálogo da Exposição. Torres Vedras: Câmara Municipal de Torres Vedras. Policopiado.
- MACIAS, S. (1996) – *Mértola Islâmica. Estudo histórico-arqueológico do bairro da Alcáçova*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola.
- MARTÍN, G. R., CARDOSO, J. L. & CARDOSO, G. (2020) – Cabo de sombrinha romana de marfim achado em Oeiras (Portugal). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 27, p. 377-386.
- MONTEIRO, M.; CARDOSO, G.; BATALHA, L. & CURATE, F. (no prelo) – *O Palácio de Sant’anna. Fragmentos da Evolução Histórica de Carnide*. Comunicação: 11 de Dezembro, 2019, Espaço Bento Martins, Junta de Freguesia de Carnide.
- NOLEN, J. U. S. (1985) – *Cerâmica Comum de Necrópoles do Alto Alentejo*. Lisboa: Fundação da Casa de Bragança.
- PINHEIRO, H.; SANTOS, R. & BATALHA, L. (no prelo) – A cerâmica do século XVII recolhida no Poço – lixeira da Rua dos Bacalhoeiros em Lisboa. In *Actas do II Encontro de Arqueologia de Lisboa*, Lisboa.
- RIPOLL LÓPEZ, G. (1985) – La necrópolis visigoda de El Carpio de Tajo (Toledo). *EAqE*, p. 142.
- RIPOLL LÓPEZ, G. (1998) – *Toréntica de la Bética (Siglos VI y VII d.C.)*. Barcelona: Reial Acadèmia de Bones Lletres, Series Maior, 4.
- RODRIGUES, F. F. (1996) – Os industriais de cerâmica: Aveiro, 1882-1923. *Análise Social*. Lisboa. 31, p. 631-682.
- SABROSA, A. & SANTOS, V. (1993) – Cerâmica comum de silos Medievais, Rua Henriques Nogueira. *Al-madan*. Almada. II série, 2, p. 116-122.
- SEAR, D. R. (1981) – *Roman coins and their values*. London: Seaby Ltd.
- SEPÚLVEDA, E. & Ribeiro, I. A. (2009) – O espólio de cerâmicas finas de mesa, vidros e lucernas. In Luísa Batalha; João Carlos Caninas; Guilherme Cardoso; Mário Monteiro (Coord. Cient.) *A villa Romana da Sub-Serra da Castanheira do Ribatejo (Vila Franca de Xira)*. *Trabalhos Arqueológicos Efectuados no Âmbito de uma obra da EPAL*. EPAL. Lisboa, p. 28-54.
- SEPÚLVEDA, E., BOLILA, C. & SANTOS, R. (2014/215) – LRC (PRSW) e LRD (CRSW) provenientes da escavação de emergência efetuada na villa romana do Alto do Cidreira (Cascais). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série V, 4/5, p. 357-393.
- SILVA, R. C. (2012) – Primeira abordagem a um depósito Moderno no Antigo Paço Episcopal de Coimbra (Museu Nacional Machado de Castro). In TEIXEIRA, A. & BETTENCOURT, J. (eds), *Velhos e Novos Mundos. Estudos de*

*Arqueologia Moderna*. Lisboa: Centro de História de Além-Mar da Faculdade de Ciências da Universidade Nova de Lisboa e Universidade dos Açores, vol. 2, p. 877-889.

SOUSA, E. (2014) – A ocupação pré-romana da foz do estuário do Tejo. *Estudos & Memórias*, 7, Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa, Lisboa.

SOUSA, É. M. (2001) – Contributo para o estudo da Cerâmica Focense Tardia (“Late Roman C Ware”) no *municipium Olisiponense*. Sua representatividade no contexto peninsular», *Conimbriga*. Coimbra. 40, p. 199-224.